

OS SAPATOS DO MORTO

LEWIS HAROC



:

Dois espões alemães são presos nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra. Anos depois um túmulo é violado em uma pequena cidade americana. Qual a relação entre os casos? Porque perturbar um morto há tanto tempo enterrado? É o que o agente do FBI Paul Ladd, quer saber. Em sua busca por respostas, Paul irá enfrentar muitos perigos, arriscando sua vida em várias ocasiões. Mas o que este audacioso agente teme perder mesmo é o coração para uma linda jovem metida até o pescoço nessa embrulhada toda.

Disponibilização: Lukka
Digitalização: Marina
Revisão: Cláudia





PRÓLOGO

Luke Ford deixou escapar uma praga, e continuou pedalando com força na estrada.

A chuva caía a forte sobre suas costas quase desnudas. Eram grossas e pesadas gotas, que algumas rajadas de vento lançavam com violência contra seu rosto, formando com elas círculos, antes de pulverizá-las em finas gotas.

A estrada asfaltada parecia um rio e os raros veículos com os quais o jovem ciclista cruzava, avançavam devagar, cortando praticamente a água que corria fazendo barulho para as valetas.

Luke nunca poderia explicar como aquela tempestade se formara com tanta rapidez e, menos ainda, de onde podia sair àquela quantidade de água, depois do maravilhoso dia que havia desfrutado.

la completamente ensopado e ainda lhe restava mais de uma milha para chegar a sua casa, na qual pensava com nostalgia.

Seu pai, sua mãe, Fred e Sheila, todos estariam abrigados da chuva, esperando que ele chegasse para o jantar, preocupados com a sua demora.

Um carro cegou-o momentaneamente com seus faróis, parecidos com dois enormes olhos, através da cortina de água que caía sem cessar. Luke fechou os olhos, deslumbrado, e resmungou um insulto quando o veículo passou a seu lado, mergulhando-o outra vez na escuridão.

O fraco farol da bicicleta apenas iluminava uns seis ou oito metros do asfalto e isso, unido à força do vento e da chuva, obrigava o rapaz a avançar com certas precauções.

Da direita o rugido do mar. A estrada contornava a costa naqueles lugares, de tal maneira, que, às vezes, o jovem Luke sentia o sabor salobre da água do mar que se misturava ao da chuva, depois de bater sobre as rochas.



O Atlântico rugia ameaçador. O vento levantava em sua superfície ondas altas, que a ausência total de luz tornava mais negras e sinistras.

Pensou que outros poderiam estar em pior situação do que a sua, porque teriam que lutar contra a fúria do mar, sem sentirem terra firme sob os pés.

Os altos canaviais alternavam-se com grupos de rochas contra as quais as águas rebentavam. Não havia lua no céu, por causa das negras nuvens que se amontoavam sobre sua cabeça.

Em dez minutos, chegaria ao posto de vigilância de Santa Lúcia. Certamente Dick Caliagham estaria ali e o convidaria para um copo de "brandy", que lhe tiraria o frio do corpo.

Luke olhou para o mar. Foi um olhar sem o menor interesse, como muitos outros que havia lançado desde que rodava sob a chuva.

As ondas haviam diminuído de altura, mas pareceu distinguir entre elas um vulto alargado, mais escuro ainda do que a escuridão das águas.

"O que será aquilo?" perguntou-se.

Talvez algum barco de pesca, virado pela violência das águas. Luke diminuiu a velocidade e tornou a voltar à cabeça para a direita.

Sim. Agora já não havia a menor dúvida. Um vulto grande, alargado, com uma proeminência em cima. Permanecia sobre as águas, suportando a fúria das ondas.

A curiosidade foi maior em Luke do que o medo e a pressa de chegar. Saltou, em silêncio, da bicicleta, deixando-a no chão, fora da estrada, e avançou por entre o canavial até que a água chegou a seus tornozelos.

Luke estava muito intrigado para dar conta daquele detalhe. Afastou as canas e aguçou os olhos para o mar, comprovando que o estranho objeto continuava no mesmo lugar em que vira pela primeira vez. Era semelhante a uma enorme baleia que tivesse ficado sem forças nem vida para combater as ondas, mas pareceu-lhe que algumas figuras moviam-se sobre seu lombo.

O que seria aquilo? Um navio não, pois não distinguia os mastros e, além do mais, sua forma não correspondia a uma embarcação.

Então?

Luke lia jornais todos os dias. Sabia, por exemplo, que os Estados Unidos estavam fazendo um grande esforço para superar as



agressões dos submarinos alemães, e não ignorava que estes levavam sua ousadia a ponto de se aproximarem das costas americanas.

Pouco antes lera a notícia de que um submersível alemão penetrara no rio São Lourenço para atacar com seus torpedos os navios cargueiros. A impressão das autoridades navais era que os submarinos inimigos acabavam de desfechar uma ofensiva, indo procurar na própria costa ianque os enormes bojos de suas presas, para evitar que transportassem para a Europa os reforços necessários.

Aquela estranha forma não corresponderia a um submarino alemão?

Luke não se deteve para refletir sobre a possibilidade de um engano. Voltou até a bicicleta e levou-a para a estrada e saltando sobre ela, pedalando furiosamente em direção ao posto de controle.

A chuva enfraquecera, transformando-se num chuvisco desagradável e penetrante, mas Luke não se dava conta de que estava ensopado até os ossos.

Seu objetivo era o posto de controle. Devia chegar lá antes que o mar acalmasse sua fúria e... E o quê?

Esta pergunta, sem resposta, não fez diminuir a velocidade e apenas cinco minutos depois, quando já não caía do escuro céu nem uma só gota de água, Luke sentiu-se cegado pelos faróis de um carro.

la lançar uma imprecisão, quando uma voz chegou a ele, perguntando:

— Ei, Luke! Onde vai a essa hora?

O moço reconheceu a voz de Dick Callaghan, e deu graças aos Céus por te-lo encontrado.

O jipe parou ao lado dele, ao mesmo tempo em que Luke colocava os pés no chão.

— Apague os faróis — disse com aspereza. Era uma ordem estranha e sem sentido, mas o motorista do jipe obedeceu automaticamente. Luke aproximou-se do veículo e Dick perguntou:

— A luz te incomoda?

— Não. — respondeu Luke. — Ou melhor, agora sim. Escute Dick, a uma milha daqui, vi no mar algo que parece um submarino.

Sua declaração foi acolhida com um silêncio glacial. Dick deu uma seca gargalhada e respondeu:



— Ai, você me faz perder o fôlego!

— Está muito enganado se pensa que inventei esta história — respondeu Luke, ofendido.

— Talvez o garoto tenha razão — comentou outro soldado. — Sempre julgamos que nós não podemos ser ameaçados do mesmo perigo a que os outros estão expostos.

— Bem, de qualquer forma íamos fazer um reconhecimento — replicou o motorista. — Não nos custa nada verificar isso.

Pôs o jipe em marcha e Luke gritou:

— Abram bem os olhos! Vou esperá-los no posto.

— Se ouvir algum tiro, diga que nos enviem reforços — gritou Dick.

— Está certo — prometeu Luke.

O jipe perdeu-se de vista. Luke verificou que ele andava devagar, mas com os faróis apagados, e concluiu que apesar de tudo, os quatro soldados que o ocupavam participavam de suas suspeitas.

— Não pode ir um pouco mais depressa? — perguntou Dick.

— Não. — respondeu o motorista. — A menos que acenda os faróis. Nesta marcha, se o garoto tiver falado a verdade, chegaremos tarde.

Os facho de luz dos faróis iluminaram a estrada. Não chovia mais e da terra molhada, subia um calor úmido.

— Já pode apagar — disse Dick, algum tempo depois.

O motorista do jipe assim fez e respondeu:

— Pelas explicações de Luke, deve ser por aqui...

— Ali está! — exclamou Dick, que olhava com insistência a negrura do mar.

Seus companheiros olharam para onde ele mostrava e conseguiram divisar o estranho monstro que despertara a atenção de Luke. Mas só que agora seu relevo ia diminuindo aos pouco sobre as águas, até que desapareceu por completo.

— Demônios! — exclamou Dick. — Luke tinha razão.

Já não havia a menor dúvida de que se tratava de um submarino, embora não quisesse dizer necessariamente, que fosse alemão, mas os soldados se alarmaram e Dick murmurou:

— Fiquem em silêncio.

Os quatro saltaram do jipe com suas armas preparadas e avançaram para o canavial, embrenhando-se nele decididos.



— Abram bem os olhos, rapazes! — disse Logan, o cabo.

Os quatro homens afastaram as canas, apertaram as metralhadoras nas mãos e olharam para o mar.

A maré estava subindo, mas o vento cessara e a superfície das águas mostrava apenas pequenas ondulações, indícios da fúria da tormenta.

— Estão vendo alguma coisa? — perguntou Logan.

— Nem meus próprios dedos — resmungou Dick a seu lado.

Patrick respondeu o mesmo, mas Harper permaneceu em silêncio.

— Ali! — murmurou por fim. — Olhem!

A princípio não viram nada. Os olhos lhes doíam em consequência do vapor salgado que os cercava, mas Logan confirmou:

— Parece um bote de borracha.

Dick viu flutuar algo sobre as águas. Apenas sobressaía delas, mas fosse o que fosse, avançava lentamente para um ponto situado a uns cinquenta metros do lugar onde se encontravam.

— É um bote — confirmou Patrick. — Será do submarino?

— Não acha que tenha brotado do fundo do mar, não é? — respondeu Dick.

O bote continuava aproximando-se. A negrura do céu era menos intensa, mas a lua ainda não tinha se livrado das nuvens que a ocultavam.

— Temos que nos aproximar — disse Logan. — Devagar e sem ruído. Eu darei a voz de alto.

Os quatro deslizaram silenciosamente para o ponto onde deviam se encontrar com o bote quando este chegasse à costa e, por fim encontraram-se em frente à embarcação quando se achavam apenas a uns vinte metros de distância.

A água penetrava entre o canavial, onde estavam emboscados os quatro soldados ianques, com os corações batendo aceleradamente nos peitos.

Mais de uma vez se haviam queixado da inutilidade daquele serviço, mas agora compreendiam que as previsões de seus chefes eram acertadas.

O bote estava próximo. Os quinze metros ficaram reduzidos a oito, depois a seis. Naquele momento, um dos ocupantes disse



alguma coisa numa língua estranha aos americanos, que dissipou as últimas dúvidas.

Logan não deu voz de alto. Os deixou chegar com o bote até o canavial que os ocultava e observou com o maior interesse os movimentos dos recém-chegados.

Eles saltaram do bote e Logan e seus companheiros tiveram a impressão de que traziam algumas armas curtas.

Espiões e sabotadores! — Logan rangeu os dentes de fúria e prometeu-se que nenhum deles conseguiria entrar clandestinamente no país.

Um leve assobio indicou que o bote estava sendo esvaziado. Já não havia nenhuma possibilidade de fuga. Logan ergueu-se lentamente entre as canas, com o fuzil apoiado no corpo.

Antes de se levantar inteiramente, parou e permaneceu rígido, ao ouvir um dos recém-chegados:

— O que foi Lippe? — perguntou um alemão.

— Tive a impressão de ouvir um ruído — respondeu Lippe.

— Devem ser seus nervos.

O terceiro permaneceu em silêncio. Logan acabou de levantar e exclamou em inglês:

— Quietos! Mãos ao alto!

Os três soldados que o acompanhavam ergueram-se, quase ao mesmo tempo, e a luz da lua reíletiu-se nos canos dos fuzis-metralhadoras, ao sair de trás das nuvens que roubavam sua luz a terra.

A surpresa foi completa. Um dos desconhecidos lançou uma exclamação de surpresa. Logan viu-o erguer a mão e outro exclamou:

— Quietos Frolich!

O aviso chegou tarde. Frolich, deixando-se dominar pelos nervos, apertou o gatilho da pistola que empunhava e a arma cuspiu pela boca uma pequena chispa de fogo, acompanhada de um projétil.

Patrick soltou um gemido e curvou-se, sendo recolhido por Dick, antes que caísse por completo.

Logan soltou uma maldição e desviou a metralhadora para Frolich.



O seco estampido de quatro disparos fez eco ao da pistola. Frolich saltou para o lado e o homem que estava junto dele caiu de costas, com o peito varado pelos projéteis do americano.

— Não se movam, ou...!

A voz de Logan, sinistra e ameaçadora, poderia ter sido ouvida em qualquer parte do mundo. Os recém-chegados ergueram os braços para o céu, e o cabo ordenou outra vez:

— Joguem fora as armas!

Para sua surpresa, as duas pistolas caíram na água a seus pés. Dick exclamou:

— Mas eles sabem inglês!

— Claro que sabem. Ficariam em grande dificuldade, se não falassem corretamente — comentou Harper.

— Alemães, não é? — perguntou Logan.

— Sim — respondeu o chamado Lippe.

— O tiro saiu pela culatra — disse Harper. — E você vai passar um mau pedaço se Patrick morrer — disse a Frolich.

Este não respondeu. Logan advertiu:

— Não façam asneiras. Seria pior. Adiante! Apoiou a metralhadora nas costas de Frolich e Harper fez o mesmo com Lippe. Quanto a Dick, seguiu-os para fora do canavial, carregando o infeliz Patrick.

Uma vez junto ao jipe, Logan passou as algemas nos punhos de Frolich e Harper imitou-o, soltando um suspiro de alívio.

— Como se sente Patrick?

— Muito... Mal — replicou este. Estenderam-no na parte traseira do jipe. Logan ordenou:

— Leve-o, Harper. Apresse-se. Dick e eu levaremos estes.

— E o outro?

— Deixe. Depois mandaremos buscá-lo. De qualquer forma, nada mais se pode fazer por ele.

Harper não esperou que repetissem a ordem. Era um bom amigo de Patrick e o pensamento de que a vida deste dependia de sua rapidez o fez cerrar os dentes.

O jipe logo se perdeu de vista. Logan uniu com uma corda a algema que prendia o punho direito de Frolich com a que cingia o esquerdo de Lippe, e ordenou:

— Sigam!



Os dois alemães caminhavam á frente de seus captores, em silêncio, pensando no fracasso do desembarque clandestino, enquanto perguntavam-se o que iria acontecer com eles.

Quando chegaram ao posto de controle, o coração de Logan saltou ao ver o jipe parado na porta.

Era uma casa de troncos, mas seu interior era confortável e estava muito bem iluminada. Logan obrigou os prisioneiros a entrarem e, em uma rápida olhada pelo local, compreendeu a situação.

Todos os homens do posto, doze no total, estavam ali com Luke entre eles e voltaram-se ao ouvir seus passos, deixando descoberto o corpo de Patrick. que estava imóvel sobre a mesa.

Logan parou.

– Ele... Morreu? – perguntou.

– Sim – murmurou Harper, com um soluço.

– E foi você quem o matou. Desgraçado! – exclamou, saltando para Frolich.

Antes que alguém conseguisse evitar, golpeou o rosto do alemão, fazendo-o sangrar pelo nariz. Frolich limpou o sangue com a manga e respondeu com calma:

– Sinto muito, são coisas da guerra.

– Coisas da guerra, hem? – murmurou Harper. – Quando você for fuzilado, terei muito prazer em te recordar, que são coisas da guerra.

Tiveram que segura-lo para evitar que atacasse de novo o alemão. Os dois prisioneiros foram empurrados para uma sala sem janelas, situada no fundo do edifício, e a porta fechou-se atrás deles.

– Vigie bem, Cleff – disse Logan.

– Não se preocupe – respondeu este. – Gostaria que tentassem fugir.

Mas nenhum dos dois prisioneiros fez o menor movimento de fuga e a noite foi calma. Na manhã seguinte, sob o olhar feroz dos soldados, especialmente de Harper, os dois prisioneiros foram transportados para Santa Lúcia, e dali para Tallahassee em um carro fechado.

– Quando chegarmos à outra prisão lembre-me para que eu lhe diga algo a respeito de meus sapatos – disse Frolich a Lippe, durante o trajeto.



— Não falem — avisou um dos soldados, que vigiava seus menores gestos.

Em Tallahassee, eles foram separados. Frolich percebeu em seguida que não iriam ser presos na mesma cela e adivinhou o motivo.

— Vão me fuzilar por ter matado aquele soldado Lippe — disse em voz baixa. — Mas, você provavelmente se salvará.

— O que é que queria dizer sobre seus sapatos? — perguntou Lippe.

— Ah, nada. Tenho algo escondido no pé direito, mas não posso te dar porque não param de olhar para nós.

— O que é? — perguntou Lippe com curiosidade.

— Não tenho tempo para lhe explicar — respondeu Frolich. — Só lhe direi uma coisa, se algum dia for libertado, procure meu túmulo. Em meu sapato direito encontrará algo que o fará rico para o resto de seus dias.

Terminadas as formalidades da entrega, um oficial aproximou-se dos dois alemães, olhando com hostilidade.

Lippe e Frolich devolveram o olhar, sem baixarem os olhos. Tinham um aspecto cansado e triste, mas sabiam que o motivo para se encontrarem em tal estado, era por terem cumprido seu dever para com a Alemanha.

A uma ordem do oficial, quatro soldados levaram Frolich. Depois de dar dois passos, o alemão voltou-se para Lippe e disse-lhe com um sorriso:

— Não se esqueça de meus sapatos. Adeus!

Lippe sentiu um nó na garganta. Estava seguro que via Frolich pela última vez e sentiu compaixão por aquele homem, muito mais velho que ele, sem saber que o motivo que o levou aos Estados Unidos, não eram patrióticos, porém outros bem mais pessoais.

Dias depois, comunicaram-lhe a morte de Frolich, em frente a um pelotão de execução.

Ao mesmo tempo, leram-lhe sua sentença: quatorze anos de reclusão.

Lippe deu um suspiro de alívio. Na guerra, o essencial era salvar a vida, de qualquer forma. Portanto...



CAPÍTULO I

Red Mollart, o xerife de Marylebone, tinha os pés sobre a mesa e balançava-se suavemente, movendo a poltrona ao compasso da canção que Peggy Molly cantava no rádio.

Andrews e Lyss, o primeiro um bom amigo do xerife e o segundo seu ajudante, jogavam uma enfadonha partida de cartas, dividindo sua atenção entre o baralho, o rádio e o que dizia Mollart.

— Aqui nunca acontece nada — resmungou o xerife. — É tudo tão calmo que dá nojo. Eu me pergunto se de repente, o país ficou sem criminosos.

— Quem dera que fosse assim! — disse Lyss, jogando uma carta sobre a mesa.

— Comi seu rei de espadas — disse Andrews, atirando um ás sobre o rei. — Se continuar assim distraído, vai perder até a camisa. Já está me devendo — examinou um papel que tinha ao lado e disse olhando para Lyss — setecentos e vinte e nove mil e doze dólares e sessenta centavos.

Lyss largou as cartas e se levantou.

— Com sua permissão, vou me deitar — disse a Mollart. — Estou mais chateado do que uma ostra. Nunca em minha vida ganhei tão bem um salário, como estou fazendo agora.

Andrews recolheu calmamente as cartas.

— Não se apressem — disse. — Quando menos esperarem, vão ter uma complicação dos diabos.

— Deus te ouça! — desejou fervorosamente Mollart. — Estou querendo demonstrar aos que me elegeram xerife, que a eleição foi acertada. Ouvi dizer que Chipp, o xerife de Paarlans, deteve a poucos dias, dois "gangsters". Isso é que se chama sorte.

— Desde que acabou a guerra, isso aqui é um paraíso — disse Andrews. — Não fiquem desejando que mude.

Mollart retirou os pés de cima da mesa, se espreguiçou e levantou.

— Vamos — disse. — Você tem as chaves?

— Sim — respondeu o ajudante.

— Nenhum dos dois vai ficar aqui? — perguntou Andrews.

— Para quê? — respondeu Mollart. — Todas as celas estão vazias. Desde que colocamos em liberdade o último bêbedor, que



detivemos já há mais de cem anos. Segundo minhas contas, os ratos são os únicos que as ocupam. Vamos, Lyss.

— Deixou o revólver — avisou Andrews.

A arma estava metida num coldre, pendurado num prego que sobressaía da parede. Mollart o pegou, ajustando-o à cinta e disse:

— Deve estar enferrujado.

Andrews e ele saíram. Lyss apagou as luzes antes de fazer o mesmo e girou a chave na fechadura. Sobre a porta havia um retângulo branco, recortado.

— O que é isso? — perguntou Andrews.

— Um papel com meus sinais e os de Lyss — respondeu o xerife. — Se houver algo, já sabem onde nos procurar. Mas não se preocupe Andrews. Ninguém vai atrapalhar nosso sono.

— Vamos ao bar de Dona Joana — sugeriu Andrews. — Convido vocês para uma bebida.

— Por mim, eu não poderia dormir se tomasse uma só gota de álcool — respondeu Mollart.

Lyss aceitou e o xerife, aborrecido demais para ir dormir, acompanhou-os ao bar.

As luzes de néon brilhavam na noite, fazendo empalidecer as estrelas. Marylebone era um povoado industrial e trabalhador, e havia pouca gente nas ruas. À direita, apareceu o bar de Dona Joana, chamativo com suas luzes multicoloridas.

Ao chegar à porta, Mollart bocejou.

— Vou dormir — disse. — Até amanhã.

Foram inúteis os protestos de Lyss e de Andrews, tentando convencê-lo a aceitar a última rondada. Mollart afastou-se, agitando um braço no ar, e os outros dois entraram no bar.

Um toca discos soltava, cansadamente as notas que constituíam o prelúdio da última canção da moda e a voz rouca de Peggy Molly começou a cantar. Lyss sorriu.

— Esta garota me deixa doido — disse. — Eu gostaria de vê-la em pessoa.

— Se isso acontecer, nunca mais vai conseguir dormir — respondeu Andrews. — Tenho uma fotografia dela em casa e a roupa que usa cabe na palma da mão. Vou lhe mostrar amanhã

— Deve ter sido tirada na praia.



— Ou para fins publicitários — respondeu Andrews, aproximando-se do bar. — Suponho que não deve andar assim pelas ruas.

Durante alguns minutos a conversa girou em torno de Peggy Molly. Andrews afirmava que tinha tudo bem proporcionado e cada coisa em seu lugar. Não faltava nem sobrava nada. Ou melhor, sobrava.

Suas palavras faziam Lyss arder em desejos de admirar a fotografia. Ia propor a Andrews que fossem buscá-la, quando Mollart surgiu na porta.

Seu aspecto sonolento havia desaparecido. Avançou para os amigos, movendo com agilidade apesar de suas curtas pernas e, quando chegou em frente de Lyss, este sorriu.

— Seu sono acabou? — perguntou.

— Sim — respondeu secamente, o xerife.

— Sirva outro Max — pediu Andrews.

— Não bebo — respondeu Mollart. — E nem você Lyss. Venha comigo.

Seu ajudante deixou o copo sobre o bar.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

— Não sei ainda. Vamos ver.

— Onde é a festa? — perguntou Max.

— No cemitério — respondeu o xerife.

— No cemin... — Andrews engasgou com a bebida e tossiu, espalhafatosamente.

— Sim. Acabo de ver uma luz lá. Talvez esteja enganado, mas quero me certificar.

— Meu Deus Red. — exclamou Andrews. — Já faz mais de duas horas que você bebeu o último copo.

Mollart não o escutava. Com passos nervosos saiu do bar e Lyss o seguiu, alcançando-o em duas passadas.

A diferença de estatura entre Mollart e seu subordinado era motivo de piada em Marylebone e muitos afirmavam que o pequeno xerife havia buscado o gigantesco e desajeitado Lyss como ajudante, seguindo sem saber, a lei das compensações.

Mas Lyss teve dificuldades em seguir seu chefe através das ruas escuras. Os passos de Mollart ressoavam nervosamente no chão, como irregulares rajadas de metralhadoras. E, atrás dos dois homens,



Andrews esforçava-se para segui-los, depois de prometer a Max que voltaria para informar do que acontecesse.

Por fim, encontravam-se no campo e Mollart se deteve de repente, apontando para longe.

— Olhe — disse.

Ao longe, sob a luz da lua em um céu sem nuvens, percebiam-se as silhuetas de algumas árvores altas e delgadas, de formas características mesmo na penumbra. Eram os ciprestes, que marcavam os contornos do pequeno cemitério da cidade.

Por cima da cerca surgia um brilho tão leve, que Lyss murmurou:

— Não vejo nada. Espere... Sim. Agora estou distinguindo. Parece que alguém anda por lá, com uma luz.

O reflexo oscilava levemente, e este movimento tornava-o um pouco mais visível. Andrews também afirmou que o via, e Mollart decidiu:

— Vamos até lá.

Andrews quis dizer algo, mas os dois representantes da lei já caminhavam para o cemitério, e ele seguiu movido pela curiosidade que vencia o medo que sentia.

O caminho que levava ao campo santo era liso e estava bem cuidado. Os três homens percorreram com rapidez os primeiros metros e Mollart deteve-se.

A luz era perfeitamente visível diante deles. Os ciprestes recortavam-se contra o céu, mostrando o limite do muro de pedras que circulava o lugar povoado de tumbas. Junto ao muro, um vulto mais negro que a escuridão que os cercava, atraiu a atenção de Lyss.

— Parece um carro — disse.

— E é — respondeu Andrews.

Para o que pudesse acontecer, Mollart tirou o velho revólver do coldre, lamentando não ter dado mais atenção a sua limpeza e continuaram o avanço, procurando diminuir ao máximo o ruído de suas pisadas.

Não tardaram a encontrarem-se perto do carro, verificando que se tratava de um Pontiac, último modelo.

— E nem é deste Estado — cochichou Mollart, anotando a placa.

— Que diabos estarão fazendo? — perguntou Andrews.

Os três homens aguçaram os ouvidos, conseguindo distinguir murmúrios de uma conversa, mantida em tom normal.



De súbito, ouviram um ruído metálico e Mollart murmurou:

— Que me enforcem se este ruído não for o de uma pá ao bater numa pedra — olhou para o carro, medindo a distância que separava a capota da borda do muro. — Lyss — disse. — Suba ao carro e de uma olhada lá dentro.

Lyss não esperou que lhe repetissem a ordem, porque estava tão intrigado quanto seus companheiros e tão desejoso quanto eles de satisfazer sua curiosidade.

Com grande facilidade subiu para o Pontiac, sem fazer o menor ruído e encostou seu enorme corpo junto ao muro, espichando lentamente a cabeça por cima dele.

Teve que fazer um violento esforço para abafar uma exclamação de surpresa. Mollart compreendeu tudo ao vê-lo abaixar de repente a cabeça e saltar do carro para o chão.

— O que foi que viu? — perguntou-lhe, num sussurro.

— São... Quatro homens — murmurou seu ajudante, com voz embargada. — Estão desenterrando... Um morto.

Andrews levou a mão à boca. Mollart apertou os lábios o murmurou:

— Era o que imaginava. Viu alguma escada?

— Não. — respondeu Lyss.

A verdade é que nem sequer havia reparado. Mollart apertou o revólver e encaminhou-se para a porta do cemitério, situada no lado oposto ao caminho. Quando chegou perto dela, deteve-se.

— Trouxe a pistola? — perguntou a Lyss.

Este confirmou com um gesto de cabeça. O xerife empurrou a porta com a mão esquerda e ela girou sem ruído sobre os gonzos, obrigando-o a perguntar-se como teriam feito para forçar a fechadura.

Quem quer que esteja dentro do cemitério não havia ido ali guiado por algum sentimento de devoção ou respeito com o morto. Aquilo era certo, e o que Lyss acabara de ver indicou a Andrews que o céu escutara suas súplicas e que no dia seguinte teria muito que contar em Marylebone.

Um amplo caminho arenoso, cercado de ciprestes que nos dias de calor proporcionavam sombra às tumbas e mausoléus que se erguiam a seu lado, iniciava-se na porta, perdendo nas profundidades daquela cidade dos mortos.



Mollart meteu-se por ele sem vacilar e avançou guiado pelo resplendor da luz e pelo ruído que faziam os desconhecidos vistos por Lyss.

As árvores, as tumbas e os mausoléus ocultavam sua presença, que não foi denunciada nem pelo leve rumor de seus passos sobre a grama que crescia entre os túmulos até chegar a um ponto, onde observou, que Lyss não havia se enganado.

Havia quatro homens ao redor de um túmulo aberto. Dois deles, sem camisa, estavam sentados no mármore de outra sepultura, fumando tranquilamente. Haviam tirado também, seus chapéus e afrouxado os nós das gravatas, e tudo levava a crer que acabavam de ser substituídos no trabalho pelos outros dois que tiravam terra da cova, naquele momento.

Mollart sentiu a boca seca, em contraste com a tranquilidade que demonstravam aqueles homens.

Estavam a uns cinquenta metros de distância, sem saberem que eram observados, e seus movimentos eram perfeitamente naturais, como se nem em sonhos pudessem pensar na possibilidade de serem surpreendidos.

Atrás de Mollart, Lyss e Andrews observavam a cena macabra, com a mesma agitação que o xerife.

Quem estaria enterrado ali? O que haveria naquele túmulo para despertar a atenção de seus profanadores, a ponto de assaltarem um cemitério, de noite?

Isto é o que se perguntavam Lyss e Andrews. Mollart, porém, fazia-se outra pergunta mais concreta: O que queriam aqueles tipos no túmulo de George Linden?

Ele não sabia quem era George Linden, sabia das estranhas circunstâncias em que fora enterrado ali, dois anos atrás, pouco antes de terminar a guerra.

Um dos homens que cavavam na fossa, disse um palavrão e parou para enxugar o suor que lhe escorria pela testa.

Todo o conjunto estava iluminado por uma lanterna elétrica que repousava no chão, sobre um monte de terra, cujo fecho de luz deixava parcialmente na penumbra os que descansavam naquele momento.

— Tem certeza que esse tipo está enterrado aqui? — perguntou.



– Claro homem. Eu vi o nome na lápide: "George Linden". Foi com esse nome que o enterraram.

– Não sei quando vamos dar com ele. Já estamos cavando há meia hora.

Os dois homens estavam mergulhados na fossa até acima dos joelhos. De vez em quando, uma pá de terra surgia da cova, juntando-se ao monte que se acumulava ao lado.

– Cavem até os pés. É o que interessa.

– A terra está macia – disse o outro, que fumava.

– Mas não estamos acostumados a fazer este trabalho.

De um momento para o outro chegariam ao corpo do morto enterrado ali. Mollart sentia seu coração bater acelerado, mas a curiosidade foi mais forte do que seu desejo de terminar de uma vez, e esperou alguns minutos mais.

De repente, um dos que cavavam ergueu-se.

– Aqui está o caixão – disse. – Escute Bholer, a madeira está arreventada.

O chamado Bholer e o outro homem puseram-se de pé, aproximando-se da cova.

– Não é de estranhar – disse aquele. – A umidade deve ter apodrecido a madeira. Saiam daí.

Seu interlocutor pulou para fora da cova e Bholer saltou para dentro, enquanto o outro homem que cavava enxugava o suor da testa.

Bholer desapareceu da vista de Mollart, ao entrar na tumba, mas não demorou a sair.

– Eu... – murmurou – Não entendo.

– O que aconteceu? – perguntou outro alarmado.

– Alguém se adiantou a nós. O morto não tem sapatos.

Todos fizeram um silêncio impressionante. Mollart perguntou-se para que precisariam dos sapatos de George Linden, enquanto seu ajudante fazia-se outra pergunta: Quem teria vindo antes deles?

Os quatro começaram a falar ao mesmo tempo, até que Bholer exclamou:

– Silêncio! Se alguém passar pelo caminho... – seus companheiros calaram-se e ele continuou:



— Bem, rapazes, fizemos um papel ridículo vindo aqui. Vamos embora. Temos que conversar com este maldito Kingsley, uma conversa longa e séria.

Os quatro começaram a sacudir em silêncio, a terra que lhes cobria as roupas.

— Não posso imaginar quem tenha... — resmungou um deles.

— Kingsley sabe. Tenho certeza. Obrigou-me a pagar dois mil dólares pela informação, mas tanto quanto me chamo Bholer, juro que ele vai me contar tudo.

Mollart pensou que momentos bem amargos esperavam aquele tal de Kingsley, se Bholer o encontrasse.

— Tampamos isso? — perguntou um dos desconhecidos.

— Deixe assim — respondeu Bholer. — De qualquer maneira vão descobrir. Vamos levar as ferramentas.

Já iam sair quando Mollart julgou que havia chegado o momento de apresentar-se diante deles. Deu um leve cutucão em Lyss para que estivesse prevenido e saiu de trás do mausoléu que o ocultava, ficando diante dos quatro homens.

— Quietos! — ordenou, apontando a arma. — O que é que fazem aqui?

Evidentemente, a surpresa foi total. Bholer parou na tarefa de vestir o blusão. Os outros se mostraram não menos surpreendidos.

Atrás de Mollart, Lyss sustentava sua pistola, com a mão trêmula pela emoção, e Andrews não perdia uma sílaba e nem um movimento da cena.

— Quem é você? — perguntou Bholer.

— O xerife — replicou Mollart. — O que procuravam nesse túmulo?

— Vou lhe explicar xerife — começou a dizer Bholer, num tom conciliador, enquanto esboçava um sorriso. — O caso é que aqui está enterrado um amigo nosso, que guardava documentos de grande importância para nós, quando lhe jogaram a terra por cima e...

— Estavam escondidos nos sapatos? — perguntou argutamente Mollart. — Eu ouvi o que diziam. Parece que alguém se adiantou a vocês, buscando estes papéis.

— Não tivemos sorte — disse Bholer.

— Que espécie de documentos era?

— Referiam-se a nossos negócios.



Bholer aproximou-se do xerife, mas este preveniu-o:

— Fique quieto aí!

Bholer lançou um rápido olhar a seus homens. A presença do xerife não o preocupava muito, pois já se vira em outras situações mais comprometedoras do que aquela com o xerife de um povoado, e de todas se sairá bem.

Graças a sua inteligência e habilidade continuava vivo e não ia deixar se prender agora por aquele tipinho que empunhava um velho revólver, que nem sequer sabia segura-lo.

— Vamos! Acabem de se vestir e me acompanhem — disse Mollart.

— Claro que sim xerife — respondeu Bholer. — A não ser o fato de termos aberto esta tumba, nada fizemos de mal. Claro que o senhor pode nos meter num embrulho danado.

— E dos bem grandes — respondeu Lyss. — Por violar túmulos paga-se caro no Estado de Alabama.

— Tenho amigos influentes que me tirarão logo desta trapalhada — replicou Bholer. — Mas confesso que isto pode significar um prejuízo em meus negócios, que me faria perder alguns milhares de dólares. Pois eu lhe digo xerife, que os senhores poderiam ganhar uma parte destes dólares. O que lhe parece?

Percebeu que havia ofendido a honradez de Mollart, quando o viu retrucar:

— Além do mais, vou acusá-lo de tentativa de suborno. Estão prontos? Pois então, vamos!

Bholer não pensava sequer em chegar ao povoado. Fez como se avançasse para passar junto a Mollart, mas, ao mesmo tempo, voltou um pouco a cabeça, fazendo um sinal ao homem que estava mais perto da lanterna.

Aquele deu um escorregão e desferiu um pontapé na lanterna, que lançou contra a parede próxima do cemitério. A paz terminara aquela noite, em Marylebone.

Bholer e seus homens correram para a porta, protegidos pela sombra. Mollart rugiu:

— Quietos ou atiro!

Ninguém obedeceu sua ordem. Ao contrário, dois dos homens voltaram-se para o trio e de suas mãos surgiram armas de fogo, ao mesmo tempo em que detonações enchiam o recinto do campo santo.



Mollart ouviu o zumbido dos projéteis, bem perto de sua cabeça. Provavelmente Bholer não desejava agravar sua situação fazendo vítimas, achando que aqueles disparos seriam mais que suficientes para amedrontar Mollart e os que o acompanhavam, mas acertou só pela metade.

Andrews pensou que aquilo não era com ele. Uma coisa era satisfazer sua curiosidade e outra morrer em uma disputa que não lhe dizia respeito. Marylebone não perderia muito com sua morte, mas sua esposa e seus filhos sim, então jogou-se no chão, atrás de uma lápide, cobrindo a cabeça com os braços.

Mollart saltou para trás de um cipreste e Lyss imitou Andrews. Mas os dois homens começaram a disparar, simultaneamente, contra os dois que cobriam a retirada dos outros.

Um destes lançou uma praga e cambaleou. O outro parou seu ataque, ao mesmo tempo em que retrocedia entre um amontoado de árvores e tumbas, e perdeu-se de vista em direção à porta.

— Avante! — comentou Mollart.

Lyss e ele saltaram de seus esconderijos, mas o ferido descarregou sobre eles a carga de chumbo que lhe restava na arma, obrigando-os a moverem-se com mais prudência, e não tardaram a ouvir o ronco do motor do Pontiac, do outro lado do muro.

— Fugiram — disse Mollart, com amargura. Suas esperanças de tornar-se famoso naquela noite diluíram-se no ar. Lyss exclamou:

— Sobrou este xerife.

Os dois moveram-se com precaução em direção ao ferido, constatando que ele já não atirava. Ao chegarem a seu lado, sua imobilidade indicou qual era a causa do silêncio.

— Parece que está morto — murmurou Lyss.

Mollart inclinou para ele e não tardou a erguer-se.

— Foi em cheio — grunhiu. — Eu preferia não ter tido tão boa pontaria.

Andrews saiu do esconderijo e Mollart decidiu-se a agir.

A uma ordem sua Lyss foi buscar a lanterna e não demorou a encontrá-la. Quando voltou com ela acesa, Mollart reclamou:

— Podia ao menos, tê-la envolvido num lenço. Vai estragar as digitais que pode haver nela.

Lyss apressou-se a agir assim, e dirigiu a luz para a tumba.



Um pedaço do caixão que continha George Linden, sobressaía da terra. Era a parte correspondente aos pés e aparecia quebrada, deixando as pernas à mostra.

O tempo havia realizado sua tarefa destruidora, em combinação com a terra. Nas partes que as calças deixavam ver, as pernas apareciam desfeitas, apresentando enormes feridas, que deixavam os ossos a vista.

Mollart olhou para os pés e verificou que o morto não tinha sapatos.

Quem teria escavado na tumba, antes de Bohler o seus homens e os retirado do cadáver?

Gostaria de saber, mas não o podia adivinhar e voltou-se para Lyss:

— Temos que tampa-lo — disse.

Andrews ajudou-os na tarefa de cobrir completamente o corpo, empurrando a terra para a cova com os pés.

Mollart mostrou a lápide que havia sido afastada para um lado.

— Ponha aqui, Lyss — ordenou. Este obedeceu e os três puderam, ler: "George Linden. Morto num acidente de automóvel, a 5 de julho de 1943. Descanse em paz."

— Agora me lembro... — murmurou Andrews — Foi aquele que...

— Exatamente — confirmou Mollart.

Não queria falar sobre aquilo. Tinha ordens severíssimas a este respeito e suspeitava que algo muito sério ocultava-se atrás de tudo aquilo.

— Vamos voltar — disse.

Tinha pressa de voltar a Marylebone para reler a ordem escrita que haviam lhe entregado, depois que George Linden fora enterrado.

Lembrava é claro, que estava assinada pelo governador e nela davam-lhe instruções a respeito daquele túmulo.

E a ordem era categórica. Devia telefonar imediatamente, as autoridades, se observasse algo ilegal ao redor daquele pequeno retângulo de terra, onde repousavam os restos mortais de Linden.

Mollart estava intrigado e permaneceu em silêncio durante o trajeto de volta, enquanto Lyss e Andrews falavam sem parar.

Alguns habitantes de Marylebone deviam ter ouvido os disparos e o linguarudo Max, o garçom do Dona Joana, encarregou-se de relatar a todos que algo acontecia no cemitério, pois na metade do



caminho encontraram com um grupo de homens que avançava para eles.

— Lyss, volte ao cemitério com alguns homens e traga o corpo que deixamos ali! — ordenou.

Seu ajudante assim fez.

Mollart chegou ao posto policial e aproveitou um momento em que estava só para abrir uma gaveta da mesa e buscar entre os papéis até dar com o que buscava, que tirou do envelope e desdobrou diante de si.

Era igual ao que recordava. Se notasse algo anormal em torno do túmulo de Linden, devia comunicar imediatamente — a palavra estava sublinhada — ao governador do Estado.

O xerife deixou-se cair numa poltrona, fechou os olhos e reviveu aquele dia em que um carro fúnebre parou em frente ao posto, transportando um ataúde.

Um dos homens que o acompanhava apresentou-se a ele como agente federal e mostrou a ordem do governador.

Devia autorizar o enterro do morto no Cemitério de Marylebono. Tratava-se de George Linden, e havia morrido em um acidente de carro, no dia anterior, a sete quilômetros do povoado.

Mollart não fez nenhuma pergunta. Sabia que aquilo era falso. Talvez o nome e a causa da morte fossem verdadeiros, mas negava-se a admitir que fosse necessária uma ordem especial para enterrar um homem morto naquelas circunstâncias.

Entretanto, deu seu consentimento e Linden repousava para sempre no pequeno cemitério local. Bem, para sempre não, alguém se encarregara de perturbar sua paz.

A quem se referia Bholer?

Era evidente que outros haviam escavado o túmulo antes dele, mas deviam ter feito com mais sigilo, porquanto ninguém havia notado.

Mollart suspirou profundamente. Gostaria de saber muitas coisas, mas preferia que os agentes federais se encaregassem daquele tenebroso assunto.

Estendeu a mão para o telefone, agarrou-o e encostou ao ouvido.



CAPÍTULO II

O inspetor Ashlby acabou de ler os papéis que tinha entre as mãos e jogou-se para trás na poltrona, depois de largá-los sobre a mesa. A poltrona rangeu sob seu peso. Ashley olhou para o homem que permanecia na sua frente, sentado no outro lado da mesa, e perguntou:

— Isso é tudo?

— O que mais queria? — lamentou-se Paul Ladd. — O xerife me proporcionou toda sorte de facilidades e pude fazer uma boa inspeção pelos arredores do túmulo. Aqui tem o nome do morto e outros detalhes.

Ashley endireitou o corpo e pegou outro papel.

— Tino Bolger — leu. — Vocês se deram ao trabalho de fazer alguma averiguação sobre ele?

— Todos os seus antecedentes estão escritos no verso do papel que está em suas mãos — respondeu Paul Ladd, com certa aspereza.

Apesar de já estar trabalhando há quatro anos sob as ordens do inspetor, não conseguia habituar-se a sua maneira de falar. Sabia que o tom áspero com que Ashley pronunciava as palavras era um hábito adquirido em sua longa vida de profissional em luta constante contra os criminosos, mas, apesar disso, gostaria de ver, de vez em quando mais cordialidade.

O inspetor leu os antecedentes de Tino Bolger e murmurou:

— Uma boa bisca, segundo parece. A sociedade não irá chorar sua morte. Bem Ladd. Havia outro indivíduo chamado Bholer, parece. O que sabemos sobre ele?

— Encontramos nos arquivos, seis tipos com esse nome. As fotografias foram enviadas ao xerife Mollart, e estamos esperando a resposta.

— Entre em ação, logo que souber qual é o Bholer que buscamos — ordenou o inspetor. — É claro, que você ficará encarregado do caso. No momento só você. Se surgirem mais embaraços e se precisar de ajuda, você a terá.

Paul Ladd esmagou o cigarro no cinzeiro e encarou o inspetor.

Ladd tinha vinte e sete anos de idade, e era o preferido do inspetor. Este o queria como a um filho, se tivesse tido um, mas



procurava não dar a entender isso, tratando-o com mais frieza do que aos outros agentes sob suas ordens.

— Não consigo entender nada — disse o jovem. — Ali está enterrado um homem chamado George Linden, morto há pouco mais de um ano, num acidente de automóvel. Por que o FBI intervém na violação de seu túmulo? Isso é assunto que compete à polícia local.

Ashley tornou a se jogar para trás, ao mesmo tempo em que sorria.

— Ordenaram que prosseguisse com a investigação. Devemos averiguar, especialmente, o que procuravam esses bandidos em seu túmulo. Fosse o que fosse, estava nos sapatos. É preciso encontrar Bholer.

— Isso é fácil. Ponha um anúncio nos jornais e ele se apresentará ao senhor em seguida — respondeu Ladd, em tom irônico.

Ashley ficou sério.

— Temos que encontrá-lo — repetiu. — Bem Ladd, não quero que ande às cegas, nesse assunto. O homem enterrado naquele túmulo, não é George Linden.

— Não? Então?...

— Trata-se de um alemão, aprisionado durante a guerra, logo que desembarcou de um submarino, na costa do Sul. Matou um soldado da defesa costeira, e isso lhe custou à vida.

Ashley apanhou outro papel e leu:

— Outro dos que desembarcaram com ele morreu na luta e o terceiro, um moço chamado Walter Lippe, foi condenado a quatorze anos de prisão, em atenção a sua pouca idade. Não chegou a cumprir a pena, porque a guerra terminou e ele foi repatriado para a Alemanha.

— Como se chama o homem enterrado ali?

— Hans Frolich — replicou o inspetor. — Vinham bem providos de dinheiro e documentos e, como tantos outros que desembarcaram de igual forma, vieram com o propósito de praticar espionagem e atos de sabotagem.

— Por que o enterraram com outro nome?

— Coisas da guerra — respondeu Ashley. — Isso foi feito com vários espões e sabotadores e só os homens do Pentágono e alguns agentes federais sabem onde repousam seus restos. Claro que agora isso não importa, mas durante a guerra, sim.



— Por que terão violado o túmulo?

— Tenho uma teoria sobre isso — respondeu Ashley. — Naturalmente não se pode pensar que esses homens eram patriotas do morto e quisessem levá-lo para outro lugar. Minha opinião, de acordo com as informações que tenho, é que Frolich guardava em um de seus sapatos algo muito valioso.

— Material de espionagem?

— Não creio. Já não teria o menor interesse. Não consigo nem imaginar o que possa ser. A única coisa positiva é que o túmulo foi violado por duas vezes e os que fizeram isso buscavam o mesmo nos sapatos de Frolich.

— Lippe pode estar envolvido nisso?

— Não sei — respondeu o inspetor. — Como já disse, ele foi repatriado para a Alemanha, mas é possível que tenha regressado clandestinamente. Já mandei que investiguem isso, assim como os antecedentes de Hans Frolich, na Alemanha.

— Lippe tem que estar envolvido nesta confusão — respondeu convencido, Ladd. — Para mim, ele é quem mais probabilidade tinha de saber o que Frolich guardava nos sapatos.

— Receio que esse assunto vá nos dar mais trabalho do que pensamos. O Pentágono desentendeu-se — disse Ashley. — A guerra terminou há bastante tempo e tudo isso está começando a cair no esquecimento, mas a Central me ordenou que prosseguisse com o trabalho. Sem dúvida, temem algo muito sério.

— Tudo porque faltavam os sapatos do morto — comentou Ladd, pondo-se de pé. Coçou a nuca e acrescentou: — Garanto-lhe inspetor, que não sei por onde começar.

— Vou lhe dar uma ideia, rapaz — o tom de Ashley era condescendente: — Frolich esteve na prisão daqui, de Montgomery, até ser julgado e condenado à morte. Foi executado na própria prisão. Creio que poderia ir lá e procurar descobrir alguma coisa.

Ladd respondeu que faria isso, e abandonou o gabinete, cheio da fumaça que emanava do charuto de Ashley. Este fechou os olhos, pensativo, e murmurou:

— Terrivelmente difícil, mesmo para Ladd.

O mesmo ia pensando Paul, enquanto descia as escadas e saía para a rua. Estava há quatro anos na Divisão do FBI, do Estado de



Alabama, e tinha a impressão de que aquele caso ia ser um quebra-cabeça.

Seu carro estava estacionado na porta da Chefatura. Entrou nele e fechou a porta, mas antes de pôr o motor em movimento, tirou do bolso um envelope que continha alguns papéis relativos ao morto.

Tino Bolger devia ter sido em vida um sujeito sem preocupações. A única coisa que despertou a atenção de Ladd foi uma caderneta, onde ele havia anotado os telefones de uso frequente, mas estava cheia de números de mulheres, e Paul imaginou de que classe elas seriam.

Havia um só número pertencente a um homem, cujo nome era Peter Kingsley, mas estava meio apagado e era inútil tentar ler.

“Peter Kingsley – pensou – logo verei na lista.”

Pôs o carro em movimento e afastou-se da Chefatura. A manhã estava agradável, e Paul conduziu devagar, ao longo do Parque Municipal, a caminho da prisão, que se erguia a uma milha da cidade, sobre a estrada de Atlanta.

Pouco depois, estava diante do edifício e pediu para ver o diretor, sendo conduzido imediatamente, a seu gabinete.

– Eu não estava aqui quando Frolich foi executado – disse aquele. – Mas me recordo do caso. Há alguém que pode informá-lo melhor do que eu – ligou o interfone e disse: – Senhorita Criss. Diga a Burton que venha aqui.

Transcorreram alguns minutos antes que este se apresentasse. Ladd aproximou-se da janela do gabinete e pôde ver o amplo pátio da prisão, por onde passeavam alguns reclusos.

Pensou em quantos deles teria metido ali o FBI, quando Burton chegou.

Vestia um uniforme de guarda, que ficava um pouco apertado, e seu rosto denotava um homem decidido e eficiente. O diretor do estabelecimento fez as apresentações e disse:

– Burton, o senhor Ladd quer saber algo sobre Walter Frolich. Lembra-se dele?

– Perfeitamente senhor – replicou Burton, voltando-se para Paul. – Só estive aqui oito dias. Guerra é guerra e não se podia perder muito tempo com gente como ele. Entretanto, devo dizer que seu comportamento, durante o tempo que permaneceu aqui, foi correto e exemplar.



— Se misturou com os demais prisioneiros? — perguntou Ladd, depois de acender um cigarro.

— Não. — garantiu Burton. — Ficou isolado numa cela.

— Sozinho?

— Sim senhor.

— Ouvi dizer que junto com ele prenderam outro homem, chamado Lippe. Esteve aqui?

— Sim, mas não com Frolich. Ficou em outra cela.

— Tiveram ocasião de se verem?

— Creio que não, mas isso quem poderá dizer é Kingsley — olhou para o diretor e acrescentou: — Era ele o encarregado de vigiar as celas. Creio que até fez certa amizade com Frolich. Este o presenteou com seu relógio, quando teve a certeza de que ia ser executado.

— Disse Kingsley? — perguntou Ladd interessado. — Refere-se a Peter Kingsley?

— Sim — respondeu Burton. — Conhece?

— Um pouco — mentiu Ladd.

Kingsley tomava de súbito, um interesse inusitado para ele. Havia ido à prisão convencido de que ali não tiraria nada a limpo, até que Burton dera uma informação muito significativa. Peter Kingsley, o homem cujo telefone estava no livro de endereços do espião enterrado no Cemitério de Marylebone, prestava serviços na prisão de Montgomery e havia cuidado de Frolich no tempo em que o alemão estivera preso.

O fino olfato de Paul Ladd começou a sentir o princípio de uma pista, e perguntou:

— Podem me dar o endereço e o telefone de Kingsley?

— Claro que sim — respondeu o diretor avançando para o fichário. — Mas não sei se o encontrará. Está desfrutando de um mês de licença.

— Desde quando?

— Há vinte dias que pediu.

Ladd ficou em silêncio. Seria Kingsley um dos violadores do túmulo de Frolich? E se assim fosse, em qual dos dois grupos o encontraria? No primeiro, ou com Bholer?

Paul pensou que era mais certo estar no primeiro, ou seja, no que conseguira apoderar-se dos sapatos de Frolich.



Deram o endereço de Kingsley. Ladd apanhou o livro de notas de Tino Bolger e verificou que os números de telefone não combinavam.

— Estão certos de que é esse o número dele? — perguntou.

— Sim — replicou o diretor. — Não pode haver engano.

Aquilo significava que Tino não telefonava para a casa de Kingsley, mas para outro lugar. Por quê?

A cada passo surgia uma interrogação, mas isso era preferível, de que permanecer na escuridão. Dos problemas pode às vezes surgir à luz, mas onde não existe nada se pode resolver.

Agora tinha material para começar a trabalhar. A primeira coisa seria conseguir uma entrevista com Kingsley. Certamente o guarda teria muito que o que contar.

Parou o carro diante da pensão onde Kingsley residia e bateu na porta, que foi aberta por uma senhora de certa idade, gorda e despenteada.

— Perdoe senhora — disse Ladd. — Estou procurando o senhor Kingsley.

A senhora riu escandalosamente, mandando para o rosto de Ladd uma baforada de álcool, que o fez imaginar que seu café da manhã já devia ser aguardente.

— Kingsley? Ponha um cão policial atrás dele moço. Não tenho a menor ideia onde possa estar. Foi embora há uns vinte dias e...

— Não disse para onde ia?

— Não. Desde que começou a ter dinheiro em abundância, tornou-se muito reservado. — Ladd tomou mentalmente nota daquele detalhe. A senhora Pikss deteve-se um instante e disse: — Entre, espere um pouco.

Ladd entrou para um vestíbulo sujo e mal iluminado e perguntou-se por que Kingsley continuaria vivendo naquele antro, depois de sua mudança de sorte.

— Elsa! — gritou a mulher, olhando para a parte alta da escada que subiu do vestíbulo.

— Já vou! — replicou uma voz desgarrada de mulher.

Paul olhou para cima. Viu abrir-se a parte superior de uma porta e uma mulher de cabelos platinados, que lhe caíam sobre os ombros, debruçou-se no corrimão.



Trazia muito pouca roupa e Ladd não teve necessidade de imaginar nada que não visse. Até percebeu em seu rosto os sulcos e as marcas da vida que levava.

— O que é? — perguntou à loura, em tom debochado. — Será que não se pode descansar em paz?

— Este senhor está perguntando por Peter — respondeu à senhora Pikss, sem fazer caso das reclamações de Elsa. — Eu lhe disse que não sei onde ele possa estar, mas que talvez você...

— Por que é que eu havia de saber? — perguntou à loura. — E mesmo que soubesse, por que havia de dizer?

— É amiga dele? — perguntou Ladd.

— Sim — respondeu a dona da pensão. — E a pouco, recebeu uma carta de Peter.

Ladd propôs-se, desde aquele instante, a saber, onde estava Kingsley. A loura fulminou a outra mulher com um olhar e disse:

— Você sempre tem que se meter em tudo. O que quer com Peter? — perguntou a Ladd.

Este ensaiou seu melhor sorriso.

— Sou amigo dele — mentiu. — Trabalho com ele na prisão. Faz um mês que compramos juntos uns bilhetes para as corridas de carros de Indianópolis, e ele foi premiado.

— Esse Peter é um cara de sorte — disse a senhora Pikss. — Antes nunca tinha um centavo e agora chove dinheiro de toda a parte.

— Desço em seguida — respondeu à loura.

O cheiro de dinheiro a fazia mudar de atitude. Ladd aproveitou a ocasião para perguntar a Pikss.

— Peter ganhou alguma outra aposta?

— Não sei, mas faz um mês que maneja mais dinheiro do que eu em toda minha vida. Sabe o que desconfio? Que ele não está nos Estados Unidos.

— Quer dizer que atravessou o mar?

— Isso mesmo — replicou a dona da pensão. — Peter...

O ruído dos saltos dos sapatos da loura, na escada, cortou o que ela ia dizer.

Ladd olhou para aquela e pôde comprovar que era alta e bem feita, embora seu rosto já tivesse perdido grande parte da beleza. Havia vestido sobre a combinação de nylon, um "peignoir" colorido, que fazia sobressair ainda mais a quase brancura do cabelo.



Olhou para Paul.

— Bem, mostre o bilhete e eu lhe direi onde está Kingsley.

— O bilhete? Já cobreí — respondeu Ladd. — A parte que coube a Peter, ficou no banco. São quase dois milhões de dólares.

Elsa sorriu. Tinha os dentes brancos, fortes e iguais.

— Eu direi a ele — respondeu. — Tenho que escrever para Kingsley.

Ladd perdeu o sorriso. Percebeu que nunca arrancaria o endereço que precisava.

— Nada disso belezinha — replicou, mudando de tom. — Vai dizer é a mim, e agora mesmo.

Elsa olhou-o um tanto assombrada, mas estava habituada a enfrentar situações que teriam derrotado outras mulheres e se refez rapidamente.

— Isso é o que você pensa — respondeu desafiante. — Mas...

— Dê uma olhada para isso — interrompeu-a Ladd. Os olhos da moça pousaram na mão direita do agente, onde brilhava uma placa que ela conhecia bem, e uma expressão de medo passou-lhe pelo olhar. — Hem? — perguntou Paul. — Mudou de ideia?

— S... Se eu não disser?

Elsa ainda resistia, mas Ladd sabia que ela acabaria por ceder. Sacudiu os ombros.

— Então vá vestir alguma roupa. Você virá comigo. O inspetor não terá tantas delicadezas quanto eu.

— Não tem motivos para...

— Você sabe que sim. Se não quiser colaborar, vão deixa-la por uma longa temporada num lugar onde não verá o sol. Mesmo que só seja pela espécie de vida que você leva. O que é que decide?

— Vocês abusam até de mulheres — resmungou Elsa. — Bem, Kingsley está em Havana. Hotel Negresco, quarto número trinta e quatro. Está satisfeito?

— Sim — respondeu Ladd. — Lamento ter sido obrigado a tratá-la assim, Elsa. Se quiser te convido para um aperitivo.

— Beba sozinho. E tomara que lhe de uma boa dor de barriga!

Elsa foi batendo os pés escadas acima, até sumir de vista. Pikss julgou-se na obrigação de explicar:

— É uma boa moça.



— Eu percebi — respondeu Ladd, avançando para a porta. — Só tem um defeito, sai demais de noite.

Estava mais do que satisfeito com o resultado de suas ações, mas não parava de se perguntar o que Kingsley teria ido fazer em Havana.

Tinha a intuição de que aquela viagem devia ter alguma relação com a violação da sepultura de Frolich, que se complicando a cada passo que dava pelo intrincado caminho do mistério.

— A melhor maneira de Investigar isso é ir à busca de Kingsley — disse o inspetor, quando lhe comunicou às notícias que trazia. Apanhou o telefone e disse: — Fel quero saber quando há um navio para Havana, de Pensacola. Se tardar mais de três horas, reserve um lugar no primeiro.

Ashley podia ser tão grosso quando quisesse, mas era evidente que os fios que podia manejar de seu gabinete, movia-se com bastante rapidez, o que não deixava de ser uma virtude.

Dez minutos depois, Fel chamou dizendo que o primeiro barco saía às cinco da tarde.

Isso quer dizer que tenho que ir imediatamente — disse Ladd.

— Você é um menino inteligente — ironizou Ashley. — Garanto que ainda vai fazer carreira. Passe pela caixa e peça quinhentos dólares por conta. Interrogue Kingsley e, se notar algo suspeito, traga-o.

Ordens em telegrama. Esse era seu hábito. Ladd saiu do gabinete sem se despedir e nem esperar por uma despedida. Ashley queria fatos. Era o que contava para ele, e por esses é que valorizava a estima que tinha por seus homens.

Ladd passou pela caixa. Martin entregou-lhe os quinhentos dólares sob-recibo, e perguntou:

— Vai viajar?

— Sim, vou a Havana.

— Eu invejo. Gostaria de ir junto.

— E eu de ficar em seu lugar — respondeu Ladd.

Saiu. O carro continuava ali fora. Subiu para ele e depois de apanhar uma pequena mala com algumas roupas, seguiu pela estrada de Pensacola.



Conhecia bem o pequeno porto do golfo do México. Não prosperava devido à proximidade com Nova Orleans, mas seu movimento era bastante intenso.

O "Alondra" balançava-se no porto, mas ainda faltava uma hora para a saída.

Ladd reclamou sua passagem no guiché, e não teve dificuldade em consegui-la.

Uma hora depois, o barco levantava âncoras, e Paul se dispôs a aproveitar ao máximo possível à monótona travessia.

Quando chegou a Havana, apanhou um táxi e mandou que o conduzisse ao Hotel Negresco, que vinha a ser uma pocilga parecida com a pensão da senhora Pikss.

O porteiro, porém, falava inglês, e Ladd não encontrou dificuldades para conseguir o quarto número 36, em frente ao ocupado por Kingsley.

Era um quartinho pequeno e feio. Os únicos móveis eram a cama, a mesinha de cabeceira, um armário de porta torta e duas poltronas que não ofereciam garantia alguma.

Jogou a mala sobre a cama e perguntou-se quanto tempo teria que ficar ali.

A janela do quarto dava para um pequeno pátio estreito e malcheiroso, separado da rua por um muro de ladrilhos. Ladd se deitou sobre a cama, que rangeu sob seu peso e acendeu um cigarro, mas não tardou a compreender o que deveria fazer. Não tinha ido lá para interrogar Kingsley? Pois, o melhor era pôr mãos à obra.

Vestiu o paletó e saiu para o corredor mal iluminado pela luz que penetrava por uma janela, situada na extremidade. Dobrou para a esquerda e parou diante do número trinta e quatro, batendo na porta com os nós dos dedos.

- Quem é? — perguntou uma voz rouca.
- É você Kingsley?
- Sim — respondeu a mesma voz, desta vez junto à porta.
- Abra. Preciso falar com você.

A porta abriu-se algumas polegadas e pela fresta, Ladd viu a cara larga e redonda de um homem alto e forte. Não era aquela a ideia que havia formado de Kingsley, através do que lhe haviam dito sobre ele.

- O que quer? — perguntou o outro.



— Já lhe disse, falar com você.

— Sobre o quê?

— Por que não me convida a entrar? — disse Ladd. — Garanto que lhe interessa.

O outro refletiu alguns segundos.

— Está bem. Entre — disse, abrindo a porta.

Ladd entrou. Ao passar junto a Kingsley, comprovou que era mais forte do que imaginara, e pensou que teria grandes dificuldades se ele não se decidisse a segui-lo de boa vontade.

Mas, de repente, deixou de pensar, e piscou repetidas vezes diante do que estava vendo.

O quarto era parecido com o seu. Em cima da mesa viu o corpo imóvel de um homem sem sapatos nem paletó, e outros dois que se moviam no pequeno cômodo em meio de uma confusão de roupas e papéis jogados pelo chão.

As gavetas das mesas e do armário estavam abertas e todo seu conteúdo espalhado pelo chão.

Ladd reagiu com rapidez. Deu meia volta e foi perguntar algo, mas em vez de fazer isso, limitou-se a levantar o braço direito com a maior velocidade, para escapar do golpe que lhe caía em cima.

Não conseguiu. A culatra da pistola que empunhava pelo cano o gordo que lhe abrira a porta chocou-se contra sua cabeça, fazendo-o ver milhares de estrelas de cem cores diferentes.

Seus joelhos se dobraram, e começou a cair lentamente, fazendo enorme esforço para sobrepor-se ao efeito do golpe.

— Dá-lhe outra vez Bholer — disse um dos outros.

— Já teve o suficiente — replicou Oste.

Agora já sabia quem era Bholer. Sabia também, que o homem que estava imóvel sobre a cama era Kingsley e que, sem dúvida alguma, tinha relação com a violação do túmulo do pretense George Linden, mas antes de cair de bruços no chão, perguntou-se se poderia utilizar algum dia o que acabava de descobrir.

CAPÍTULO III



A dor martelava a cabeça e punha sons de clarins em seus ouvidos. Tinha a sensação de que ia arrebentar em mil pedaços, mas foi precisamente a dor que o fez voltar a si.

Paul sentou-se no chão e segurou a cabeça com ambas as mãos, soltando um gemido, mas não tardou a recordar o que acontecera e ficou em pé tão rapidamente que a náusea esteve a ponto de vencê-lo de novo.

Apoiou-se na parede. A quietude do quarto era completa. Não havia mais ninguém ali, além do morto e ele, e aquele continuava sobre a cama.

Paul aproximou-se cambaleando, com uma mão na testa e olhou-o.

Não havia sangue no travesseiro e nem na cama, e perguntou-se de que modo o teriam eliminado.

"Por que não me mataram também?" pensou.

Era quase um milagre que continuasse vivo, mas ali estava e começou a fazer uma inspeção no quarto, comprovando que não havia ficado um só papel, um só canto ou peça de roupa sem revistar.

O que procuravam aqueles homens?

Era tão ridiculamente simples que, apesar de seu estado, logo encontrou resposta para a pergunta.

Bholer matara um homem para apoderar-se do que estava no túmulo de Frolich.

E se aquele homem era Peter Kingsley, como parecia, isso queria dizer que o primeiro violador do túmulo tinha sido o guarda.

Provavelmente, Frolich lhe contara seu segredo durante as longas e entediantes horas que tiveram que conviver, um como prisioneiro e o outro como seu guardião.

Mas do que se tratava? Era tão importante que justificasse a morte de um homem?

Ponderava estas perguntas, quando sentiu que a porta se movia, abrindo-se lentamente.

Paul correu, até ficar atrás dela, e empunhou a pistola, disposto a não se deixar surpreender de novo.

A porta continuou se abrindo. Uma mão fina e delgada apareceu sobre a borda, e a pessoa que a empurrava penetrou no quarto.

Era uma mulher. Paul pôde distinguir a silhueta e o odor fino e penetrante que exalava dela.



Uma vez dentro, fechou a porta sem voltar à cabeça. Era morena, alta e bem proporcionada. Paul grudou-se à parede, em silêncio, observando as reações da recém-chegada.

Uma exclamação de surpresa surgiu nos lábios ao ver o corpo estendido sobre a cama, e virou-se com rapidez, encontrando com Ladd, que lhe cortava a saída, de pistola na mão.

A moça olhou-o com os olhos arregalados pelo terror. Levou a mão à garganta e tragou a saliva. Depois perguntou, com voz rouca:

— Quem é o senhor? Matou...

Paul negou com a cabeça.

Ela era muito bonita. Tinha o cabelo curto e isto tornava maiores seus olhos rasgados e expressivos. Sua mandíbula terminava num queixo redondo e suave, mas avançado, o que expressava a decisão da moça.

Trazia grandes brincos nas orelhas e isto unido à cor do cabelo, aos olhos e as bocas de lábios regulares e atraentes, junto com seu sotaque, denunciavam sua origem mexicana ou espanhola.

— Isto sou eu que lhe pergunto — disse Paul. — Quem é você? Vinha em busca de Kingsley?

— Sim... Ele me chamou... — a moça avançou o queixo e mudou de tom. — Não sei por que devo responder. Provavelmente matou a... — e apontou para a cama.

— Já lhe disse que não. O encontrei morto. Conhece Kingsley?

— Sim.

— É esse homem?

— Não. — assegurou a moça.

Paul franziu o cenho. Que nova confusão era aquela? Estavam no quarto de Kingsley e o homem que jazia sobre a cama não era ele. Onde estaria então?

— Tem certeza?

— Claro — respondeu a moça. — Fez um trabalho para mim e vim para... Já disse que não sei por que tenho que responder-lhe — acrescentou. — Me deixe sair.

— Vou por partes — replicou Paul. — Eu também vim ver Kingsley. Havia aqui vários homens e um deles me atacou, me deixando sem sentidos. Acabava de acordar quando você chegou.

A moça olhou-o de boca aberta, incrédula. Paul sorriu.

— Ainda tenho um galo na cabeça — disse. — Quer ver?



— E o que queria com Kingsley? — perguntou ela.

— Não pretendo dizer. Embora me pareça — acrescentou Paul, olhando-a inquisidoramente — que buscava o mesmo que você.

— Você não pode saber...

— Não? Vejamos; Kingsley se comprometeu a entregar algo que tirou de um túmulo — viu a moça empalidecer e acrescentou sorridente: — Vê como nós dois andamos atrás do mesmo?

— Mas isso me pertence. A mim — disse furiosa, batendo no peito. — E não consentirei que ninguém me roube!

Paul sentiu-se tentado a perguntar do que se tratava, mas não o fez porque a pergunta provaria sua ignorância. Ia dizer algo, mas ela se antecipou:

— Que interesse tem nisso? Para quem trabalha?

— Por conta própria. Única e exclusivamente, por minha conta — respondeu Paul. — Vamos embora daqui. Você e eu temos muito que conversar... Talvez cheguemos a um acordo.

— Conhecia o homem que o atacou?

— Não — respondeu Paul — mas ouvi seu nome; Bholer. Isso lhe diz algo?

— Não. — assegurou a moça. — Acha que procurava?...

— Tenho certeza, mas não lhe explicarei aqui as razões que tenho para pensar assim. Vamos. — insistiu Paul. — Pode chegar alguém.

Ficou espantado ao ver que ela o obedecia mansamente, saindo para o corredor. Teria por acaso alguma coisa a temer, se aparecesse aquele cadáver?

O assunto ficava cada vez mais complicado. Começara pela violação de um túmulo onde estava enterrado um homem com nome falso. Agora havia dois cadáveres, o guarda de uma prisão que ninguém sabia onde estava, e uma bonita mulher morena, que tanto lhe agradava quanto mais a admirava.

Paul guardou a pistola. Sabia que a moça estava presa a ele pelo interesse e pela curiosidade de saber que papel representaria naquele caso. E ele, por sua vez, achava que ia saber por ela de algumas coisas que clareassem as trevas em que se movia.

A moça pôs um pé na escada, disposta a ganhar o vestíbulo, quando ouviram em baixo, um confuso barulho de passos. Paul aproximou-se da balaustrada e o que viu cortou-lhe a respiração.



Três policiais de uniforme subiam a escada com rapidez, seguidos pelo dono do hotel e por mais dois homens.

– Venha comigo! Depressa!

Ela retrocedeu rapidamente e Ladd deduziu por seu movimento que não devia ter o menor interesse em ser interrogada pela polícia.

Paul segurou-a pela mão, sem que ela opusesse a menor resistência, e ambos correram até chegarem ao quarto do agente, que meteu a chave na fechadura.

– Entre – apressou-a.

A moça obedeceu e Paul entrou atrás dela, fechando cuidadosamente a porta a suas costas.

– De boa nos livramos – disse sorrindo. A desconhecida olhava-o com severidade.

– Ainda nega que foi você quem matou aquele homem? – perguntou.

– Claro. Não seja tola. Por que eu iria matá-lo? Eu pensava que era Kingsley e este devia me entregar algo de grande interesse para mim.

– Quanto pagou por esse algo?

– Dois mil – respondeu Ladd, pensando que aquilo não o comprometia.

A moça franziu a testa. Do quarto ao lado chegava até eles um rumor de vozes. Paul fez sinal para ficar em silêncio e se aproximou da fina parede, grudando o ouvido a ela.

– A denúncia era certa – dizia um dos que estava no quarto contíguo. – Mas o pássaro fugiu. Quem ocupava este quarto?

– Seu nome é Peter Kingsley... Chegou a dois dias dos Estados Unidos – respondeu outra voz evidentemente a do dono do hotel.

– Alguém perguntou por ele?

– Uma moça. Faz uma meia hora.

– Deve estar morto há mais tempo.

– Onde estará esta mulher?

– Não sei – respondeu o hoteleiro. – Não a vi sair.

– Quem ocupa os quartos vizinhos?

– Um está vazio. O outro está ocupado por um americano, que chegou há umas três ou quatro horas.

– Vamos interrogá-lo. Se permaneceu em seu quarto, talvez já tenha ouvido alguma coisa.



Paul afastou-se da parede, voltando para junto da moça. Seus reflexos reagem com rapidez, permitindo-lhe pensar intensamente.

Nada tinha a temer. Podia fingir que estivera, dormindo, em paz. No pior dos casos, poderia revelar sua identidade, mas a moça o preocupava.

A Polícia cubana poderia submetê-la a um severo interrogatório e neste caso ela confessaria tudo. E isso não era o pior, mas a arrancariam de seu lado, e ficaria sem saber muitas coisas que lhe interessavam.

— Vão vir para cá — murmurou. — O dono do hotel disse que você perguntou por Kingsley. Está numa boa enrascada...

— Mas... Este homem não é Kingsley — insistiu ela.

— Pior ainda. No melhor dos casos, vão lhe causar uma série enorme de aborrecimentos.

Ela olhou-o aterrorizada. Depois dirigiu os olhos para a janela e Paul viu claramente impresso neles o desejo de fugir.

— Venha — decidiu. — Eu a ajudarei.

— Por quê? — perguntou ela receosa.

A verdade era que nem ele mesmo sabia por que desejava tirá-la das garras da Polícia cubana, metendo-se assim numa complicação, que talvez, não lhe desse a adequada recompensa, com o que pudesse arrancar da moça.

Mas estava decidido e chegou a duas passadas à janela, erguendo-a até em cima.

— Saia por aqui — disse.

A moça hesitou. Paul tomou sua maleta e jogou-a para o sujo e estreito pátio, pedindo aos céus que ninguém estivesse entrando ali, naquele momento.

Uma chamada ressoou sobre a porta, fazendo a moça correr para a janela.

— Não tenho medo. É pouca altura.

Ela passou as pernas sobre o parapeito e Paul agarrou-a por ambas as mãos, ajudando-a a escorregar ao longo da parede, enquanto novos golpes soavam à porta.

— Ei! Será que não nos ouve? — gritou um dos agentes.

— Talvez não esteja no quarto — sugeriu outro.

— Deve estar. Tenho a impressão de ter ouvido ruídos.

— Eu não o vi sair — replicou o hoteleiro.



Paul apoiou o peito no parapeito da janela e estirou os braços para baixo.

— Largue-se — disse. — Não tenha medo.

A moça obedeceu caindo ao chão. Cambaleou e esteve a ponto de perder o equilíbrio, mas conseguiu recuperá-lo apoiando-se à parede, e Paul não tardou a chegar a seu lado.

— Agora corra — disse — até aquele muro.

O chão do pátio era de cimento, mas estava coberto de imundícies jogadas das janelas. Paul segurou seu braço, sem que ela fizesse objeção, e ambos correram para o baixo muro de ladrilhos que os separava da rua.

Ladd olhou para cima, verificando que dava para uma janela solitária e sorriu.

— Adiante disse. — Tudo vai bem.

Pulou no muro, ajudou a moça a subir, a fez passar para o outro lado, seguindo o rumo de sua maleta. Depois, ele saltou e se afastaram daquelas paragens.

— Não corra agora — disse. — Já não podem nos alcançar.

A moça começou a tranquilizar-se. Com um suave movimento afastou a mão de Paul que ainda lhe apertava o braço, e perguntou:

— Por que faz isso por mim?

— É natural que eu a ajude, pois nós dois andamos, atrás da mesma coisa. Quero tentar chegar a um acordo com você.

— Não pode haver nenhum acordo. O dinheiro é meu. Só meu.

Tratava-se de dinheiro. Já era alguma coisa, e parecia que ia ser justificada sua ação de ajudar a moça.

— Depois falaremos sobre isso. — É aqui que mora?

— Sim. No Hotel Caribe. Cheguei ontem.

— Podemos ir para lá?

— Claro, mas já lhe avisei que é inútil tentar me convencer.

— De onde veio?

— De Nova Orleans.

— De?... — Paul engasgou-se ao ouvi-la. — Cada vez a entendo menos. Foi Kingsley quem a fez vir para cá?

— Naturalmente.

— Por quê? Ele vive em Montgomery.

— Mandou me dizer em uma carta que... Escute, por que não tomamos um táxi? O Hotel Caribe fica longe daqui.



— É uma boa ideia. Não diga uma só palavra, enquanto estivermos no táxi.

Paul acenou para o primeiro taxi que passou e os dois entraram. Ela deu ao motorista o endereço do hotel, em um espanhol correto, e Paul olhou para ela intrigado.

A moça tinha personalidade. Não era uma mulher vulgar e devia ter muita segurança em si mesma.

Fizeram o trajeto em silêncio e, quando chegaram ao hotel, Paul pagou a corrida e desceram.

O Hotel Caribe era muito melhor do que o Negresco. Não era de primeira categoria, mas pelo menos estava limpo e tinha empregados. O elevador deixou-os no terceiro andar, sem que ninguém prestasse atenção, e pouco depois se encontravam no quarto da moça.

— Sirva-se de uma bebida — disse ela.

Deixou Paul no "living", entregue à tarefa de beber um Martini e desapareceu na peça ao lado, que era precisamente, o quarto, mas voltou antes que o agente tivesse tido tempo de por em ordem suas ideias.

Vinha com o mesmo vestido, um belo modelo branco e preto, de saia curta que deixava ver suas lindas pernas e Paul perguntou-se o que ela poderia ter feito no dormitório.

— Bem — disse, sentando-se em frente a ele. — Agora vai me dizer o que comprou de Kingsley?

— Sabe melhor do que eu, senhorita... — esperou em vão que ela lhe dissesse o nome, e continuou: — Não posso compreender o que aconteceu. Se aquele homem não era Kingsley...

— Não era — respondeu a moça. — E você não sabe uma só palavra de tudo isso. Quer que lhe diga como adivinhei? Pois, é muito simples. Se você entregou dois mil dólares a Kingsley, teria que tê-lo visto. E se não sabe que o morto não é Kingsley, é porque nunca o viu. E se nunca o viu, não poderia ter lhe dado dois mil dólares. É muito simples, não acha?

Paul sorriu.

— Está sendo esperta demais — replicou. — Eu não lhe disse que dei o dinheiro a Kingsley, mas que ia dar. Ele me telefonou dizendo que tinha o que me interessava que era este o preço e que eu devia levar o dinheiro ao Hotel Negresco. Quanto ele lhe cobrou?



— Cinco mil, mas eu sim — a moça reforçou a afirmativa. — Eu os entreguei.

— Pelo visto, ele estava decidido a arrancar dinheiro de todos os lugares que pudesse — replicou Paul. — Bom, o fato é que você e eu caímos num bom logro. Ah, agora estou pensando! Kingsley não teria mandado aquele homem ao encontro marcado... Conosco?

Nada mais podia dizer. Andaria às cegas, até encontrar a luz. A moça assentiu:

— É possível — disse.

— Ouviu falar em Bholer? Pois sei que também anda atrás do mesmo. Esteve em... Bem, onde você sabe. Escavou também no túmulo, mas verificou que os sapatos de Frolich tinham sumido. Quem acha que lhe disse que Frolich estava enterrado com o nome de George Linden?

Ela demorou a responder. Evidentemente estava impressionada com as palavras do agente especial e este se alegrou de se ter aventurado tanto, porque agora ela o julgava mais bem informado do que na verdade estava.

— Provavelmente Kingsley, depois da visita que ele próprio fez ao túmulo de Frolich — continuou Paul. — Isso quer dizer que é um maldito farsante, um chantagista.

Ela guardou silêncio e Ladd acrescentou:

— Mas eu sei onde encontrar Kingsley. E juro que ele me pagará por tudo que fez!

— Como sabe que Bholer visitou o túmulo? — perguntou ela, por fim.

— Eu o ouvi dizer, antes de perder os sentidos — mentiu Paul.

— Se este Bholer tivesse estado em negociações com Kingsley, não teria matado o outro, julgando que fosse ele — respondeu a moça.

Paul admirou sua perspicácia.

— Suponhamos que não foi Bholer quem o matou? — respondeu.

— Mas... Então? — a moça arregalou os olhos, espantada.

— Olhe, não sei se Bholer conhece Kingsley ou não. Tudo que acabo de dizer não passa de suposição; mas me pareceu ouvi-los perguntarem quem teria matado aquele tipo que estava na cama. Tenho a impressão de que aquele quarto esteve mais concorrido do que a Quinta Avenida.



Fez-se um silêncio quase absoluto, rompido apenas pelo ruído do tráfego que passava na rua.

— Bem — disse Paul, por fim. — O que é que nós somos? Aliados ou inimigos?

— Disse que sabe onde encontrar Kingsley?

— Claro — respondeu Paul, embora não tivesse a menor ideia onde aquele homem pudesse estar.

Deu-lhe o endereço de Kingsley e ela replicou:

— Então, somos aliados.

— Voltaremos para os Estados Unidos, pelo primeiro barco.

— De acordo. Vou me Informar da hora da partida.

A moça apanhou o telefone e falou:

— Alô!... Alô... Está me ouvindo? Alô! — repetiu, tornando a fazer outra ligação, com nervosismo. — Deve estar enguiçado — disse a Paul. — Vou verificar.

O agente estirou-se na poltrona, admirando o meneio suave de seus quadris ao abandonar a saleta. Ao chegar à porta, ela se virou:

— Volto em seguida — avisou.

Paul acendeu um cigarro e deixou-se levar por seus pensamentos, enquanto contemplava os círculos de fumaça que se formavam sobre sua cabeça, antes de diluírem no ar.

Agora estava metido inteiramente no assunto. Conseguira conquistar a confiança daquela mulher, e para saber o resto só dependeria de paciência.

Pareceu que alguém estava junto à porta, e olhou naquela direção; mas certamente, enganara-se.

Quanto tempo poderia levar para ir até o vestíbulo e informar-se da saída do navio? Uns dez minutos.

E já fazia quase vinte que ela saía. Paul endireitou-se na poltrona e franziu a testa ao ver correr o ponteiro do relógio.

Seria possível que ela o tivesse enganado?

Cinco minutos depois a moça ainda não voltara e Ladd pôs-se em pé, de súbito, encaminhando para a porta.

Sem ela, não havia nada que justificasse sua presença ali. Tinha sido um idiota acreditando nas palavras daquela mulher e agora já não tinha outro remédio, e nada mais lhe restava fazer do que se afastar do hotel.



Correu para a porta, mas ainda não havia chegado perto quando a campainha soou insistente e Paul parou, olhando para aquela direção, com certo receio.

Quem seria? A moça não, porque ela tinha a chave.

Olhou em volta; mas, antes que pudesse buscar um meio para fugir, ouviu rumor de vozes do outro lado e uma chave girou na fechadura.

Paul cerrou os lábios e seu cérebro converteu-se num vulcão em ebulição ao ver aparecerem dois homens, atrás dos quais percebeu o uniforme vermelho do empregado do hotel.

— Paul Ladd? — perguntou um deles.

O agente confirmou com a cabeça, e o outro disse:

— Está detido. Previno que não lhe convém fazer a menor resistência.

— Por que me detêm?

— Logo vai saber, mas posso adiantar que as acusações que pesam contra o senhor são muito graves. Assassinato!

— Quem lhes disse que eu estava aqui?

— A informação nos foi dada por telefone, faz alguns minutos.

A moça não se limitara a fugir dele, mas descobrira a maneira de afastá-lo na carreira para o dinheiro, ou pelo menos assim pensava.

— Foi uma mulher, não foi? — perguntou.

— Não. Era uma voz de homem.

A notícia o deixou perplexo, e alegrou-se que não tivesse sido ela quem o entregou nas mãos da Polícia cubana.

— Bem — disse um daqueles homens — estique os braços!

— Vão me algemar? — perguntou Ladd. Os agentes olharam-se.

— Bem, se nos prometer...

— Prometo.

— Saia então — advertiu um dos policiais. — Mas previno de que se fizer o menor movimento suspeito, atiraremos.

— Não cometi nenhum assassinato e posso provar — respondeu Ladd.

Os três abandonaram o cômodo e o empregado fechou a porta, seguindo escada abaixo.

Era inútil dar explicações àqueles homens. Paul compreendeu e esperou chegar à delegacia de polícia para revelar sua verdadeira identidade, que iria lhe abrir as portas da liberdade.



Ao atravessarem a porta, os dois agentes seguraram seus braços, de maneira que chegaram à saída sem despertar atenção.

Um carro negro esperava do lado de fora. Não trazia emblema de nenhuma espécie, mas Paul não conhecia os costumes cubanos e entrou nele, sem a menor suspeita.

— Adiante Antônio — disse um dos homens, depois de instalar-se no banco traseiro.

O carro pôs-se em movimento.

— Posso fumar? — perguntou Paul. — Obrigado. Foram muito amáveis não me colocando as algemas.

— Não nos agradeça com antecedência — respondeu um dos policiais, e Paul julgou perceber em suas palavras um leve tom de ironia.

O carro atravessou várias ruas de Havana, transbordantes de transeuntes e de ruído. Depois, passou a grande velocidade pelo cais e, deixando para trás o castelo El Morro, entrou numa estrada.

Paul viu desfilarem os campos cultivados, nos quais se erguiam algumas casas de veraneio e começou a sentir-se intrigado.

— Para onde me levam? — perguntou.

— Para o aeroporto — foi à resposta. — Ali há dois agentes norte-americanos, que se encarregarão do senhor.

Paul voltou-se para o que havia falado.

— Mentira! — gritou. — Eu...

— Como sabe que é mentira? De fato é. Mas lhe aconselho a não tentar a menor resistência.

Duas pistolas encostaram-se às costas de Ladd, que compreendeu, tarde demais, que havia caído numa cilada. De novo, reconheceu que era um imbecil, e pensou que se continuasse a se fiar no primeiro que lhe aparecesse, sua vida seria bem curta.

Quem seriam aqueles homens?

Era forçado a reconhecer sua audácia ao se apresentarem no hotel, fazendo-se passar por policiais.

Deviam ter entrado no Caribe ostentando energia e autoridade para que ninguém tivesse desconfiado deles e os tivessem conduzido ao apartamento da moça, sem o menor obstáculo.

E ele havia mordido a isca, talvez convencido pela presença do empregado, que deixava perceber que aqueles falsos policiais deviam ter mostrado seus documentos na portaria do hotel.



Tinha sido enganado mais uma vez, em menos de uma hora e esse pensamento revoltou-o de tal forma, que jogou o cigarro no chão e pisou nele com fúria.

— Então, para onde me levam? — tornou a perguntar.

— Para bem perto daqui. Há alguém que quer saber algumas coisas sobre você. Por exemplo; por que tem tanto interesse em Kingsley?

CAPÍTULO IV

O carro fez uma curva, entrando num caminho estreito, mas bem cuidado, e não tardou a penetrar num jardim que cercava uma casa.

Quando parou diante da casa, Paul foi obrigado a descer e olhou em volta, verificando o estado de abandono do jardim. A fachada da casa mostrava os estragos causados pelo tempo, e todas as janelas estavam hermeticamente fechadas.

Seus raptores empurraram para a porta, que se abriu naquele momento, deixando ver o corpanzil de um homem, cujo rosto recordava a Paul algo que não podia definir.

— Estou vendo que o trouxeram — disse. — Entre amigo.

Foi sua voz que esclareceu a memória de Paul. Aquele homem, alto e gordo, era o mesmo que o recebera, quando batera à porta do quarto de Kingsley, no Hotel Negresco.

— É a segunda vez que nos vemos hoje — disse. — O que quer de mim?

O gordo teve um leve sobressalto e fez um sinal para que entrasse na casa, reforçado pelas pistolas que os outros dois empunhavam.

Paul hesitou um momento, mas estava certo de que, no caso de se negar, obrigariam a entrar à força.

Por outro lado, sentia o contato tranquilizador de sua "Luger" sob o braço esquerdo e decidiu que não deixaria de utilizá-la em caso de necessidade, se não o revistassem antes e não a tirassem.

Mas, pelo visto, ninguém pensara em tal coisa.

O vestíbulo estava iluminado por uma lâmpada elétrica, apesar de ser dia. Reinava ali a sujeira e, embora os móveis estivessem



cobertos por capas brancas, notava-se sobre elas uma camada de poeira, o que provava que aquela casa há muito tempo não era habitada.

Como se chamava aquele homem? Ah, sim! Bholer. Procurou retê-lo na memória, prometendo não pronunciá-lo ali, porque poderia ser perigoso.

Bholer encarou-o agressivo:

– Por que estava procurando Kingsley? – perguntou de supetão.

– Por que não me perguntou isso antes, em vez de me agredir? A cabeça ainda dói.

– Vamos! Responda a minha pergunta.

– Vocês são americanos, não é? Mas não vivem aqui. Ocuparam esta casa só para me trazer para cá.

– Não é tão idiota como pensamos – respondeu ironicamente Bholer. – Forçamos a fechadura. A casa está desabitada. E agora responda minha pergunta ou...

– Bem, não precisa se irritar – respondeu Paul, fingindo uma tranquilidade que estava longe de sentir. – Fiquei sabendo que Peter – chamou Kingsley pelo prenome para dar a impressão de familiaridade. – Estava em Havana e pensei em vir vê-lo. Bela recepção que eu tive!

– Viu o corpo de Kingsley sobre a cama?

– Claro que vi. Mas não era Kingsley – respondeu Paul. – Quem o matou?

– Não sei – replicou Bholer. – Estava morto quando chegamos lá. Tem certeza de que não era Kingsley?

– Plena certeza. Conheço Peter muito bem.

Paul ia adquirindo confiança, à medida que falava.

– Conhecia o morto?

– Não. Escute o que foi fazer aquele homem no quarto de Kingsley? Ou será que tomou o quarto, dando o nome de Peter?

– Eu gostaria de saber isso, tanto quanto você – replicou Bholer, de mau humor.

– Vá para o inferno! – gritou um dos homens.

– Vai acreditar em todas estas lorotas? Ele devia estar de combinação com aquele bandido.

– De combinação para o quê? – perguntou inocentemente Paul.



— Calma — aconselhou Bholer. — Esta sua ideia é boa Anthony. Talvez, devêssemos aproveitá-la. Tem alguma ideia de onde possa estar Kingsley?

— Agora, nem a menor.

— Vamos tratar de refrescar-lhe a memória — disse Bholer. — Onde mora, em Montgomery?

— Quem, eu?

— Não. Ele.

Paul deu o endereço de Kingsley, que o outro anotou, sorrindo.

— Assim, você insiste em que não sabe nada de nada. Bem, então por que fugiu com a moça?

— Com a moça... Ah, sim! Pois, vou lhe contar. Foi engraçado, ajudei-a a fugir da Polícia e...

— Sem conhecê-la? Vá contar esta história para outro moço! — o tom de Bholer tornou-se duro. — O que queria com Kingsley? Por que fugiu com a moça?

— Vocês nos seguiram?

— Sim. Desembuche de uma vez. Sabe onde está o plano?

De maneira que havia um plano. Certamente, era o que todos buscavam. Devia estar no sapato do morto, e era a causa daquele enredo, no qual se encontrava inteiramente metido.

— Não sei do que está falando — murmurou Paul.

Bholer estirou o braço de repente, apanhando desprevenido e seu punho, tão grande e duro como uma maca, atingiu a face esquerda de Ladd, lançando-o para trás, com a força de uma catapulta.

Por sorte, caiu sentado num sofá, do qual se despreendeu uma nuvem de poeira, que aumentou a cortina de negrume que se interpôs entre Paul e o mundo.

A dor lacerava seu rosto e sentiu-se invadido por uma grande fúria. De boa vontade teria puxado a pistola para se defender daquela fera cega pela ira; mas não o fez, sabendo que não tinha a menor probabilidade de êxito e podia pôr a perder os trunfos que guardava.

— Vamos. Responda — disse Bholer. Paul ergueu-se, lentamente.

— Garanto que eu disse a verdade — replicou.

— Quer mais? — disse um dos comparsas de Bholer.



— Pois vai ter — grunhiu este. Desta vez seu movimento apanhou Paul prevenido. O agente desviou a cabeça com a mesma celeridade com que seu inimigo estirou o braço, e o punho de Bholer passou junto à orelha.

Paul respondeu com um pontapé no baixo-ventre que fez o gordo se dobrar em dois, ao mesmo tempo em que soltava um gemido de dor e, decidido a aproveitar a oportunidade, empurrou-o violentamente contra os outros, que já tomavam posições para atirar nele.

O agente puxou o "Luger", mas não chegou a fazer uso dela. Bholer tinha mais resistência do que calculara e, de súbito, cravou os pés no solo e lançou-se contra Paul com a cabeça avançada e o corpo inclinado para frente.

O golpe atingiu-o num lado, lançando-o contra a parede do vestíbulo e a pistola caiu das mãos. Bholer inclinou-se para recolhê-la, ao mesmo tempo em que seus homens se lançavam contra Paul.

Um deles golpeou fortemente com a pistola e Ladd se viu transportado, de novo, para o mundo da inconsciência. O indivíduo ia golpeá-lo outra vez, presa da maior excitação, mas a voz de trovão de Bholer conteve-o.

— Quietos Blay!

O braço parou no ar e os dois homens voltaram-se para ele. Bholer estendeu a pistola.

— É uma "Luger" — disse.

— E daí? — resmungou Anthony. — Temos que matá-lo.

— Tratem de não fazer isso — respondeu o gordo. — Os agentes federais utilizam a "Luger". Revistem-no.

Blay assim o fez, esvaziando os bolsos de Paul. E, entre outras coisas, retirou a placa de Paul, que estendeu a Bholer.

— Tem razão — disse. — Pertence ao FBI.

Os três olharam-se com apreensão. Se o Federal Bureau of Investigation tinha se metido no assunto, eles deviam trabalhar com rapidez para ganhar à dianteira.

— Como terão descoberto? — perguntou Blay.

— Foi fácil, depois que o imbecil do Bolger deixou que o apanhassem no cemitério — resmungou Bholer. — Vamos embora.



Tomada esta resolução, os três homens saíram da casa. O carro esperava do lado de fora e o motorista ergueu-se do degrau em que estava sentado ao vê-los aparecer.

Os quatro acomodaram-se no carro, afastando-se dali. Paul não tardou a recobrar os sentidos embora a cabeça doesse terrivelmente, compreendeu imediatamente a situação.

Cambaleando saiu para o jardim e avançou para a estrada, colocando-se na beira do caminho. Pouco depois surgiu um carro e Paul fez um sinal para que parasse.

O motorista olhou-o com curiosidade.

— Poderia levar-me a Havana? — perguntou Ladd — Meu carro está enguiçado no meio da estrada.

— Suba — respondeu o homem, em inglês.

O agente acomodou-se junto ao motorista. O Lincoln desligou para Havana, sem que os dois trocassem uma só palavra. Paul ia sumido em seus pensamentos, decidido a abandonar a cidade, mas não antes de realizar um pequeno trabalho.

— Onde o deixo? — perguntou seu companheiro de viagem.

— Aqui mesmo — desceu do carro, fechou a porta e acrescentou. — Muito obrigado.

Enquanto o carro se afastava, Paul olhou em volta. Seu conhecimento de espanhol não era muito, mas estava certo de que lhe bastaria para conseguir seu objetivo. Além disso, quase todas as telefonistas costumavam falar inglês.

Entrou numa casa de comestíveis e pediu para usar o telefone. O dono, um homem gordo, de grandes bigodes negros, sorriu complacente diante de seu espanhol estropiado.

— Por aqui, senhor — disse-lhe.

Quando o deixou só, nos fundos da loja, Paul procurou na lista o Hotel Caribe e discou um número. Respondeu uma voz de mulher e o agente perguntou se falava inglês.

— Sim senhor — respondeu a telefonista.

— Uma amiga minha está hospedada neste hotel — respondeu Paul. — Chama-se May Kleir e creio que ocupa o quarto número 36, mas não estou bem certo. Quer me dizer se é mesmo este? Tenho que mandar-lhe alguns livros.

A telefonista levou alguns segundos para responder.



— May Kleir? No hotel não há ninguém com este nome. O quarto 3G está ocupado pela senhorita Jenny Romara. Ou melhor, estava. Há poucos minutos ela cancelou seu compromisso, por telefone.

— Está certa? — perguntou Paul.

— Sim, senhor. Tenho a lista dos hóspedes à minha frente.

Paul agradeceu-lhe, murmurando uma desculpa e desligou.

— Jenny Romara — murmurou, ao encontrar-se de novo na rua. — Jenny Romara, de Nova Orleans. Vou te procurar amiguinha. E vou te encontrar. Esse nome não é muito comum, eu sei.

A cabeça ainda doía, mas sentia-se bem-humorado. Pelo menos, tinha algo para oferecer a Ashley, e não havia perdido a viagem.

De repente, teve uma ideia e chamou um táxi.

— Ao Hotel Caribe — disse ao motorista. — Cada minuto que ganhar, será um dólar para você.

— Prepare o bolso, senhor — sorriu o motorista.

Durante a corrida, Paul teve que se agarrar umas duas ou três vezes, mas o chofer evitava os obstáculos com grande agilidade e não sofreram o menor acidente, apesar da grande velocidade em que iam.

Uma generosa gorjeta fez surgir um novo sorriso nos lábios do homem, que perguntou:

— Está hospedado aqui? Posso servi-lo em alguma coisa?

Paul refletiu durante alguns segundos.

— Talvez sim — respondeu. — Cinco dólares se você conseguir descobrir para onde levaram as bagagens de uma moça que se hospedava neste hotel. Chama-se Jenny Romara.

O motorista compreendeu logo. Saltou do carro e respondeu:

— Feito.

Perdeu-se de vista e Ladd tornou a se instalar no assento traseiro do carro; mal havia acendido um cigarro quando o chofer voltou.

— A bagagem foi levada para o cais — disse. — Ficou sabendo qual o navio que a moça vai tomar? — perguntou Paul.

— O "Alondra" — respondeu o cubano. — Sai dentro de uma hora para Pensacola.

De maneira que a moça não voltava à Nova Orleans.

"Para onde irá?" — perguntou-se. — "Com certeza para Montgomery" — respondeu a si mesmo.



- Leve-me ao porto – disse ao motorista.
- Quer chegar logo?
- Agora não há muita pressa.

O chofer começou a assobiar uma canção enquanto se dirigia para o cais, onde não tardaram a chegar.

Dez minutos depois, Paul saboreava uma succulenta refeição num restaurante do porto e, pouco antes que o barco levantasse âncoras, encontrava-se na coberta, dissimulando sua presença entre outros passageiros.

Cinco minutos antes da hora assinalada para a partida do barco, viu um carro se deter junto a este, do qual desceu Jenny Romara.

Com um sorriso de satisfação, Paul viu-a subir a passarela e chegar à coberta, entregando a passagem ao marinheiro que acorreu para recebe-la.

Pouco depois, quando este regressou à coberta, Paul pôde inteirar-se do camarote que ocupava Jenny. Estava situado quatro portas depois do seu, no mesmo corredor.

Paul deitou na cama e soltou para o teto a fumaça do cigarro.

Bholer ou Romara, ou talvez os dois, com um pouco de sorte, não tardariam em pagar os golpes que recebera por culpa deles.

Mas não teria sorrido com tanta tranquilidade se tivesse se dado conta de que estava sendo observado por um homem que o contemplava de cara fechada, enquanto interrogava o marinheiro.

O homem seguiu-o com o olhar, procurando se esconder atrás de um ventilador e permaneceu por mais algum tempo em seu posto de observação, quando Ladd entrou no camarote.

O "Alondra" afastava-se do porto com rapidez. Havana era apenas visível ao longe, quando Blay lançou uma exclamação e se dirigiu para os camarotes, atravessando o corredor com rapidez.

Ao chegar diante do número 10, empurrou a porta e entrou.

Uma onda de calor veio ao seu encontro, misturada ao fumo que enchia a atmosfera do camarote. Havia ali três homens em mangas de camisa, jogando cartas sobre uma maleta colocada de pé entre as duas camas, e Anthony reclamou:

- Você podia ter batido Blay.
- Na próxima vez farei isso, não se assuste – respondeu este ofendido. – Bholer – disse encarando o gordo – aquele agente do FBI está a bordo.



Bholer soltou as cartas.

— Você se refere aquele, do hotel? — perguntou.

— Ele mesmo. Acho que nos seguiu até aqui.

Os quatro homens olharam-se com apreensão, e Anthony expressou o pensamento de todos eles:

— Se tivéssemos liquidado isso não estaria acontecendo agora.

Bholer mordeu o lábio inferior, pensativo.

— Escutem rapazes — disse. — Não sabemos até que ponto os agentes federais estão informados sobre o dinheiro, de maneira que é absurdo pensar em abandonar o negócio. Mas, prometo-lhes uma coisa; se até amanhã não encontrarmos Kingsley, darei a partida por perdida.

Blay resmungou algo em voz baixa. Ele era um tipo alto, magro e nervoso. Habitado a atividade e violência, não lhe agradavam as situações dúbias.

— Por que não o liquidamos? — perguntou. — Assim ficaríamos de mãos livres durante algum tempo.

— Acho que seria o mais indicado — concordou Anthony. — Aqui, no barco, podemos fazer impunemente. Ninguém suspeitará de nós.

— Por mim, estou de acordo — disse Traute. Os três olharam para Bholer, desafiantes, como esperando sua opinião. Reconheciam que ele era o mais esperto de todos, mas esperavam que não se atrevesse a se opor à vontade deles.

— Façam o que quiserem — respondeu o gordo, por fim, encolhendo os ombros. — Mas não contem comigo para isso. Uma morte é sempre uma morte, e com castigo muito mais sério tratando-se de um agente federal.

Blay sorriu:

— Não se preocupe. Vamos lhe deixar o terreno livre.

A chegada da noite surpreendeu o "Alondra" em pleno oceano, aproximadamente na metade do caminho para Pensacola.

Paul tinha estado de olhos bem abertos durante toda a tarde, mas sua vigilância fora infrutífera, porque Jenny Romara não saíra do camarote.

Por outro lado, Blay exercera, uma severa vigilância sobre ele, revezando com Anthony e Traute, e no meio da noite, entrou no camarote de Bholer, que parecia ser o centro de reunião da quadrilha.



— Ele está na coberta. Creio que devemos aproveitar a ocasião — disse.

Anthony e Blay ergueram-se.

Bholer permaneceu no camarote, enquanto seus companheiros se dirigiam para a coberta. No momento em que pisavam nesta, a sirene do "Alondra" soou prolongadamente no silêncio da noite, quebrado apenas para o ronco das máquinas de bordo.

Umas poucas luzes, distribuídas convenientemente, rompiam as trevas. Alguns passageiros gozavam a carícia do ar, sentados em espreguiçadeiras, ou acomodados pela coberta. Ao longe, destacavam-se as luzes de outro barco, que se aproximava em sentido oposto.

— Onde está? — perguntou Blay.

— Foi para a popa — informou Traute.

Os três avançaram para aquele ponto, comprovando com satisfação que as luzes ali eram mais escassas.

Antes de chegar, Blay grudou-se à parede dos camarotes, e olhou cuidadosamente, distinguindo uma forma humana, apoiada à amurada.

— É aquele? — perguntou.

Do ponto em que se encontravam, só eram visíveis as costas do homem, mas nenhum deles o conhecia suficientemente para saber se era ou não o agente do FBI.

— Vou ver — disse Traute. — Ele não me conhece. Se eu me voltar para vocês e acender um cigarro, é porque se trata dele.

Blay concordou. Traute saiu para a luz, assobiando despreocupadamente.

Enquanto avançava em sua direção, Paul afastou os olhos da risca de água fosforescente que o "Alondra" ia deixando para trás e olhou para o desconhecido, cuja atitude despreocupada não lhe despertou suspeitas.

— Boa noite — disse Traute, delicadamente em inglês. — Está agradável aqui. É americano?

— Sim — respondeu Paul lacônico.

Não tinha vontade alguma de conversar. Estava perdido em seus pensamentos e a ponto de unir alguns fios dispersos que lhe ocupavam as ideias, e a presença daquele homem o molestava.

— Eu também — respondeu Traute.



Tirou um cigarro e voltou-se levemente. A chama do isqueiro brilhou um instante enquanto acendia o cigarro, e depois soltou uma baforada de fumo.

Anthony e Blay observavam atentamente a cena.

— É ele — disse o primeiro.

Traute tentou iniciar uma conversa com Ladd, sem conseguir e afastou-se dele dissimuladamente, continuando debruçado à amurada, enquanto olhava para trás, com o canto dos olhos.

Ladd voltou a mergulhar em seus pensamentos. Blay mediu com o olhar a distância que o separava do agente. Eram apenas uns quinze metros, e o melhor seria vencê-los numa corrida para caírem sobre o agente, antes que este percebesse sua intenção.

Assim disse a Anthony, que concordou com um gesto de cabeça, e Blay disse:

— Prepare-se... Agora!

Os dois correram para Ladd, vencendo em rápida carreira a distância que os separava dele.

CAPÍTULO V

Paul voltou à cabeça ao ouvir o ruído dos passos, mas os dois homens já lhe estavam em cima.

Reconheceu Blay pela escassa luz que lhe iluminava o rosto e um aviso de alarma surgiu-lhe do subconsciente.

Aqueles homens queriam sua vida. Certamente haviam combinado tudo depois do que acontecera na casa, mas isso não ia ser fácil.

Agradeceu a presença daquele aborrecido desconhecido, que continuava debruçado à amurada, dois ou três metros à sua direita, e preparou-se para a defesa, certo de que o outro o ajudaria.

Rapidamente levou a mão direita à pistola, embora tivesse quase certeza que não teria tempo de puxar a arma. Dada à proximidade de seus atacantes, e entreviu a silhueta de Traute, voltada para ele.

Teve que concentrar a atenção em Blay e Anthony e, naquele instante, sentiu que alguém lhe agarrava o pescoço por trás, impedindo-o de lançar o grito que já lhe subia à garganta.



Então compreendeu tudo. Paul deu um pontapé violento, atingindo Blay, mas Anthony conseguiu segura-lo pelos braços, ao mesmo tempo em que a pressão das mãos de Traube se intensificava, impedindo-o de respirar.

Blay, por sua vez, agarrou-o pelas pernas.

— Na água! — exclamou.

Os três ergueram o corpo do agente e passaram sobre a amurada sem dificuldade, largando-o no vácuo.

Ladd caiu pesadamente na espuma branca, levantada pela hélice do "Alondra" e os três bandidos olharam para baixo.

Durante alguns segundos as ondas balançou seu corpo que, por fim, desapareceu sob as águas.

E o barco continuou navegando para a costa dos Estados Unidos, e parece que ninguém viu o que acontecera.

— Está feito — disse Blay. — Vamos ver o que tem a dizer agora esse imbecil do Bholer.

Os três abandonaram a coberta, dirigindo-se para o camarote, onde aquele os esperava, de coração apertado.

A sirene do navio voltou a cortar os ares, anunciando sua presença ao outro barco que se aproximava. Bholer ergueu os olhos para os companheiros, interrogando-os com o olhar, e Blay comentou:

— Já não incomodará mais.

Bholer sorriu, ao mesmo tempo que de seu peito saía um grande suspiro de alívio.

Por sua vez, Ladd aspirou profundamente o ar fresco da noite enquanto caía, mas a consciência do perigo não penetrou no cérebro até que a água do mar molhou suas roupas, advertindo que a morte se agarrava a ele.

Seu corpo afundou pesadamente no oceano e o redemoinho levantado pelas hélices sacudiu-o durante alguns segundos, mas a frieza da água acabou de reanimá-lo, e moveu os braços compassadamente, afastando-se do redemoinho.

As roupas ensopadas, pesavam como chumbo, assim como os sapatos e livrou-se do paletó, nadando com mais liberdade.

Ao olhar para a frente, viu que o "Alondra" afastava-se, se perdendo na distância e pensou em quanto tempo poderia se manter flutuando sobre as águas do Golfo.



A sirene do "Alondra" deixou-se ouvir. Paul voltou a olhar para ele, com a esperança de que aquele novo apito fosse o sinal de alarme, mas logo compreendeu que não era assim, e o desalento tornou a apoderar-se dele...

Subitamente, ergueu a cabeça ao ouvir o barulho de uma sirene que soava bem diferente da do "Alondra" e viu as luzes de outro barco que naquele momento cruzava com o que tão violentamente acabara de abandonar.

A esperança de Paul tornou a renascer. Tirou os sapatos e procurou afastar-se um pouco da rota do navio que, tão providencialmente, acabava de aparecer.

A proa do navio avançava em sua direção. A coberta estava bem iluminada, e pouco depois, percebeu ali a presença de vários passageiros.

As luzes do "Alondra" eram apenas visíveis. Paul nadou lentamente, e o rumor da água ao ser cortada pela proa do barco não tardou a chegar aos seus ouvidos.

Tinha que gritar. Gritar com força para que ouvissem, porque se perdesse aquela oportunidade, podia dar adeus ao mundo dos vivos.

O navio já estava perto. Era mais alto do que parecera e Paul tornou a sentir medo que sua voz não fosse ouvida.

Já estava ali. Quase em cima dele, balançando suavemente ao impulso da velocidade. Um momento mais e...

— Socorro! — gritou com toda a força de seus pulmões. — Socorro!

O leve ronco das máquinas pareceu um intenso rugido que abafava sua voz. Fez uma concha com a mão direita e tornou a gritar:

— Socorro! Aqui na água!

Estava a ponto de chorar de emoção ao verificar que duas ou três pessoas inclinavam-se na coberta quando o barco passava a sua altura e tornou a gritar pedindo socorro.

O barco passou lentamente pela frente, continuando a marcha, e Paul tragou a saliva.

Continuou gritando até enrouquecer, mas a silhueta do navio tornava-se cada vez menos visível, e as luzes da coberta mais apagadas pela distância.

Paul mordeu o lábio inferior e nadou com todas as forças atrás do barco, tentando, inutilmente alcançá-lo. Parou esgotado pelo



esforço e, naquele momento, esfregou os olhos para se convencer de que o que estava vendo era sério.

O barco parou a uns duzentos metros mais longe. Por um momento, Paul julgou-se vítima de uma alucinação, mas não tardou a verificar que era verdade e redobrou suas braçadas com mais ânimo e esperança.

Apenas havia vencido a metade da distância que o separava do navio, quando uma chamada ressoou diante de si:

— Ei! Onde está? — perguntou uma voz de homem, surgindo da escuridão.

— Aqui! — exclamou Paul.

Divisou uma vaga silhueta, da qual partiu pouco depois um leve clarão, que explorou as águas em sua procura.

Agitou um braço no ar, e a luz da lanterna caiu sobre ele.

— Está ali! — gritou a voz de antes.

A silhueta do barco e dos homens que o era visível atrás do fraco resplendor da lanterna.

Paul deu as últimas braçadas em direção deles e o que levava a lanterna ajoelhou-se no bote.

Teve que apagar a luz para estender os braços a Paul, ao mesmo tempo em que lhe dizia palavras de ânimo e este não tardou em encontrar-se sentado atrás dos remadores.

— Pronto — disse o outro.

Dez minutos depois, Paul seguia entre eles, acompanhando o comandante do barco salvador, que era o "Orleans", com matrícula de Pensacola.

O comandante olhou-o de alto a baixo, quando chegaram a seu camarote e perguntou:

— Quem é o senhor?

— Feche a porta, por favor — pediu Paul. O marinheiro assim fez intrigado. — Meu nome Ladd e sou agente do FBI. Voltava de Havana no "Alondra".

— Caiu ao mar?

— Me jogaram pela amurada, o que não é o mesmo.

— Quem? — perguntou o comandante.

— Homens que eu perseguia — disse Paul, para não dar maiores explicações. — Quando regressa a Pensacola?

— Amanhã de manhã.



— Pode fazer-me um favor? Eu não queria desembarcar em Cuba. Ali aconteceram coisas que podem me criar dificuldades, e...

O marinheiro olhou com desconfiança.

— Pode provar que é do FBI?

— Não — replicou Paul. — Tive que me livrar do paletó para nadar. Mas isso não é obstáculo. Pode telegrafar a meu chefe em Montgomery, o inspetor Ashley.

— Vou verificar. Enquanto isso, o senhor permanecerá em meu camarote.

— Está bem. Escute comandante, eu ia pedir que quando comprovar minha identidade me permita ficar a bordo até que seu navio parta para Pensacola.

— Assim o farei se é verdade o que diz.

O comandante Johnson abandonou o camarote, mas não tardou a voltar, com um sorriso nos lábios.

— Está tudo em ordem. Ashley manda saudações, mas receio que não sejam muito cordiais.

Paul engoliu em seco.

— Não se preocupe com isso — disse. — Tem algum camarote vazio?

— Claro. Vou mandar que o levem a seu camarote e que lhe deem alguma roupa.

Dormiu o resto da noite, depois de telegrafar a Ashley, fazendo um minucioso relato dos acontecimentos.

Na manhã seguinte, o "Orleans" partiu para Pensacola, aonde chegou ao anoitecer. Apesar disso, Ladd viu aproximar-se dele Jim Doyle, que sorriu ao vê-lo descer a escada.

— Ashley quer vê-lo menino — disse com ironia. — Tenho um carro aqui. Como foi em Cuba?

— Se algum dia eu me perder, não me procure por lá — respondeu Ladd. — Como está o inspetor?

Doyle pôs o motor em marcha e o carro afastou-se do porto, rumando para Montgomery.

— Está com vontade de lhe ver — respondeu Doyle, quando saíram de Pensacola. — Trabalhamos duro, durante todo o dia.

Quando chegaram a Montgomery, Ladd já estava convencido de que seus companheiros não haviam perdido tempo, fazendo bom uso das informações que havia mandado por telégrafo.



Mesmo assim, Ashley olhou-o com severidade, do outro lado de sua mesa de trabalho. Estava rodeado por uma nuvem de fumaça do charuto que fumava, e agitou a mão no ar para clarear a atmosfera, quando viu Ladd a sua frente.

— Bem — disse. — Parece que você se portou como um idiota. Dois golpes na cabeça e um mergulho, não o recomendam. Conte o que aconteceu, com todos os detalhes.

Ladd sentou-se e obedeceu à ordem do inspetor. Ainda vestia as roupas de um marinheiro, mas nem Ashley nem Doyle pensaram em rir de seu aspecto.

Quando terminou de falar, o inspetor permaneceu em silêncio.

— Menos mal — disse por fim. — Pensei que as coisas tinham sido ainda piores. Quer dizer que o morto não era Kingsley.

— Não. — respondeu Ladd. — Estava no mesmo quarto, mas não era ele. A moça me garantiu e Bholer confirmou.

— A propósito, esse Bholer — recomeçou Ashley, apanhando um envelope e tirando dele uma fotografia. — É esse?

— Sim — respondeu Ladd, depois de a examinar, rapidamente. — Voltou no "Alondra".

— Já sabemos. Está sendo bem vigiado e não deve se preocupar com ele.

— E Jenny Romara?

— Também não quisemos detê-la. Teríamos feito isso, se o morto fosse Kingsley, mas tenho a impressão que o caso não iria terminar se pegássemos Bholer e a moça.

— Também acho — respondeu Ladd. — Onde ela está hospedada?

— No Hotel Washington. Tem certeza de que ela não matou aquele homem?

— Sim. A menos que tivesse estado antes no quarto e voltasse depois, o que não me parece provável.

— Então seria Bholer.

— Ele também nega. Claro que isso não quer dizer nada. Bem inspetor, o que fazemos agora?

— Você, vai descansar agora mesmo.

— Não. — protestou Ladd. — Não estou cansado. Pode dispor de mim, assim que eu tiver mudado de roupa. Descobriram algo a respeito de Frolich?



— Sim — respondeu Ashley. — Mais do que esperávamos. Ouça Ladd. A Polícia cubana acredita que o morto é Kingsley, e prometeu enviar o cadáver.

— Para que?

— É muito simples. O diretor da prisão irá olhá-lo e nos dirá, com certeza, se é ou não ele.

— É uma boa ideia, inspetor. O que imagina que havia nos sapatos de Frolich?

— A julgar pelo que sei e pelo que imagino algo que representa muito dinheiro. E penso mesmo, que sei do que se trata — Ladd olhou-o intrigado e o inspetor prosseguiu: — Esse nome Romara, não lhe chocou?

— Sim, mas...

— Doyle andou fazendo investigações sobre ele. Júlio Romara era um homem que, durante a guerra, trabalhou para o Pentágono.

— Onde?

— Em Roma. Era italiano, e seu pai americano. Quando foi descoberto, Romara tratou de fugir da Itália, com a ajuda de guias austríacos. Não se soube mais dele.

Ladd ficou pensando e depois se declarou vencido.

— Não entendo que relação pode haver entre ele e Frolich.

— Hans Frolich, com o nome de Harold Klaus — continuou o inspetor — foi um dos guias que o tiraram da Itália para levá-lo à França. O outro se chamava Otto Braun e morreu durante a guerra, num hospital da Baviera.

— Compreendo — murmurou Ladd. — Romara transportava algo que despertou a cobiça dos guias, não é?

— Estamos tratando de hipóteses — contestou o inspetor. — Imagino que o traíram. Provavelmente acabaram com ele ou o deixaram abandonado nas montanhas.

Ladd confirmou com a cabeça.

— O horizonte parece começar a se desanuviar — murmurou. — Mas onde está Kingsley?

— Eu daria meu salário de um ano para saber — respondeu o inspetor. — Agora vou contar à história que construí com os dados que temos. De uma maneira ou de outra, Kingsley ficou sabendo que Frolich tinha em um dos sapatos algo de grande valor. Possivelmente, o próprio Frolich lhe contou.



Ladd sacudiu a cabeça, num gesto negativo.

— Não creio — respondeu. — Se quisesse ajudar a Kingsley, ele teria dado o que tinha, em vez de...

Ashley deu um soco na mesa.

— Viva! — exclamou. — Vejo que os golpes que recebeu não diminuiram sua pouca capacidade de raciocínio. Mas então, como Kingsley ficou sabendo?

— Provavelmente por Walter Lippe. Refiro-me ao homem que foi aprisionado com Frolich.

— É possível que você tenha razão. Seja como for, Kingsley sabia. Talvez tenha tentado escavar o túmulo sozinho. Mas o mais certo é que tenha feito com a ajuda de alguém. Então, aparece a moça, Jenny Romara, que anda atrás do mesmo que Bholer.

— Kingsley tentou vender-lhe o segredo por cinco mil dólares.

— Chegou a pagar?

— Só a metade. Tinha um encontro com ele no Hotel Negresco, em Havana, para entregar o restante, em troca do que lhe interessava.

— Então, meu raciocínio é exato até agora — disse Ashley, satisfeito. — Continuemos: Kingsley não pensava se conformar com os cinco mil dólares, e também vendeu o segredo a Bholer, mas o enganou.

— Isso é o que deve ter acontecido. E agora tem que andar escondido para que Bholer não se vingue do logro em que caiu.

— É mais ou menos isso. Kingsley foi muito esperto com todos. Talvez até consiga mesmo, mas sempre voltamos ao mesmo ponto de partida: o que havia nos sapatos do morto? Quem é o homem que estava na cama do Hotel Negresco?

Ladd não podia responder a nenhuma das duas perguntas. Ashley jogou se para trás na poltrona.

— Creio que Jenny Romara poderia responder às duas perguntas. Mude de roupa e vá procurá-la — resolveu de repente. — Doyle vai acompanhá-lo.

Ladd ergueu, sorrindo.

— É a missão mais agradável que podia me confiar — respondeu.

— Essa e a de agarrar Bholer. Tenho que ajustar contas com ele e com seus homens.

— Tudo virá a seu tempo, menino.



Doyle e Ladd retiraram-se do gabinete. O carro esperava-os fora e nele se instalaram.

— Quer que o leve em casa para trocar de roupa? — perguntou Doyle.

— Para quê? — respondeu Ladd. — Estou bem assim, mudarei depois.

O Hotel Washington estava situado numa rua central de Montgomery, não longe da Chefatura. Por outro lado, Doyle dirigia muito bem e o tráfego não era muito intenso àquela hora da noite.

Quando o carro se deteve a porta do hotel, Paul perguntou:

— Quem está vigiando a moça?

— Crober — respondeu Doyle. — Vamos procurá-lo.

O vestíbulo era pequeno, mas limpo e acolhedor. Em frente à porta estava sentado o sonolento vigia noturno, que informou que a senhorita Romara havia abandonado o hotel, meia hora antes.

— Sabe para onde foi? — perguntou Ladd. O vigia não tinha a menor ideia, mas replicou:

— Talvez Riley possa dizer. É o "boy" — explicou. — Foi buscar o táxi para a senhorita Romara — tocou a campainha. Riley devia estar dormindo ou ocupado em outro trabalho, pois demorou muito para atender à chamada. Era um rapaz de quinze anos, esperto, que escutou com atenção à pergunta de Ladd.

— Eu fui buscar o taxi — disse. — Ouvi perfeitamente, o endereço que a moça deu ao chofer, mas não me lembro bem... Foi... — o rapaz pensou algum tempo — Ah, sim Grant Street, foi isso. Achei estranho que uma moça como ela...

Ladd não escutava mais. Voltara-se para Doyle, dizendo com espanto:

— Em Grant Street mora Kingsley. O que terá ido fazer ali?

— Não posso nem imaginar, pelo menos há essa hora — respondeu Doyle. — Quer ir até lá?

— Era o que eu ia propor.

Crober não apareceu em parte alguma e imaginaram que tivesse ido atrás da moça. Entraram no carro e Doyle dirigiu para a rua onde estava situada a pensão onde morava Kingsley.

As rodas rangeram dolorosamente em uma curva fechada que os deixou na Rua Grant e o carro deteve-se no ponto em que Ladd indicou a poucos passos da pensão.



A rua estava deserta. Não se via viva alma ali e os dois agentes, sentados na parte dianteira do carro, olharam-se.

— Ninguém. Onde estará?

— Na pensão talvez — disse Doyle.

— Vamos procurá-lo.

Saltaram do carro e avançaram para a pensão, atravessando por uma rua estreita, sem a menor iluminação.

Ladd apertou a campainha e a chamada ressoou nas profundidades da casa, mas como transcorreram alguns minutos sem obter resposta, tornou a chamar, desta vez com mais insistência.

Também foi inútil. Dentro da pensão não se notava o menor sintoma de vida, e Ladd começou a sentir-se preocupado.

— Bem — disse Doyle. — Temos que fazer alguma coisa.

— Vamos telefonar a Ashley.

O inspetor ainda estava em seu gabinete quando Ladd telefonou de um bar próximo. Seu vozeirão fez o aparelho trepidar, ao responder:

— Abram a porta, de qualquer maneira. Botem abaixo, se for preciso, mas entrem na pensão. Eu já vou para lá.

Os dois agentes decidiram que o melhor seria esperá-lo. O que pudesse ter acontecido dentro da pensão, já seria inevitável.

O inspetor chegou dez minutos depois, arquejando de impaciência. Logo que saltou do carro, encarou os dois homens.

— O que estão fazendo aqui parados? — perguntou. — Não lhes disse que pusessem a porta abaixo?

— Aqui está a porta — respondeu Doyle ofendido. — Vamos.

Ashley fulminou-o com um olhar, mas nada disse. Voltou-se para o motorista que o levava até lá e pediu-lhe:

— Me de isso.

O chofer estendeu um pacote, que Ashley tomou apressadamente, dirigindo-se para a pensão, seguido por Ladd, que sabia o que ia acontecer.

O inspetor manjava com perfeição aquele aparelho de sua invenção para forçar qualquer espécie de fechadura, sem que nem sequer se notasse que alguém havia tocado nela.

Doyle e Ladd ficaram a seu lado e o viram mexer, durante algum tempo, na fechadura. Ouviu-se um clique metálico, e o inspetor disse satisfeito:



— Adiante.

Empurrou a porta. O vestíbulo estava às escuras, mas Ladd acendeu um fósforo e torceu o interruptor da luz.

Tudo estava em ordem. Ali, parecia não ter acontecido nada de anormal. Os três homens olharam-se perplexos, e Ashley disse:

— Revistem a casa. Tem que haver alguém. Naquele momento, chegou até eles um ruído vindo de um dos quartos. Ladd correu para ele e abriu a porta, deixando penetrar a luz do vestíbulo.

— Aqui inspetor — chamou.

A luz da única lâmpada que iluminava a peça mostrou um quadro surpreendente.

Sentada no chão, com as costas apoiadas a parede, a velha senhora Pikss contemplava-os com olhos enfurecidos. Tinha a boca tapada com um lenço, e estava completamente atada com um par de lençóis.

Doyle e Ladd a libertaram de suas ataduras. A velha mal podia manter-se em pé e eles a arrastaram para uma cadeira. Ashley ficou diante dela, interrogando impiedosamente, sem fazer caso de suas lamentações.

— O que foi que aconteceu, "vovó"? Vamos, fale logo. Quem a amarrou? Kingsley?

— Não. Faz muito tempo que não o vejo — gemeu a mulher. — Foram outros homens.

— Entre eles havia um gordo e alto? — perguntou Ladd, numa súbita inspiração.

— Sim — respondeu à senhora Pikss. — Eles o chamavam de Bholer, ou algo assim. Levaram a outra moça.

— Quem? — rugiu Ashley. — Vamos — disse mais calmo. — Comece pelo princípio, mas não vá nos esconder nada.

A senhora Pikss respirou.

— Primeiro veio ela — disse. — Perguntou por Peter Kingsley, e eu respondi que faz um mês que ele não vem aqui.

— Já sabemos. Está de licença — disse Ashley.

— Continue.

— Deve ser uma licença bem longa — replicou a dona da pensão.

— Levou as malas e ontem Elsa se foi. Parece que ele a chamou.

— Quem é Elsa? — perguntou Ashley, cada vez mais impaciente.



— A noiva de Kingsley, ou coisa assim — respondeu Ladd. — Então, ela foi embora, hem?

— Sim. Ela disse que Kingsley mandara dinheiro para que comprasse algumas roupas.

— Onde devia encontrar-se com ele?

— Não sei, mas Elsa me disse que iam para a Europa.

— Para a Europa? — perguntou Ladd.

— Continue contando tudo o que aconteceu aqui — disse o inspetor — Doyle — ordenou. — Vá à Chefatura, divulgue as características de Kingsley e Elsa por todo o país. Que estejam atentos, especialmente nos aeroportos e nos portos de Leste. Vá depressa.

Doyle não esperou que repetisse a ordem e abandonou a pensão.

— Acha que vamos chegar a tempo? — perguntou Ladd.

— Suponho que sim. Faz três dias que você esteve aqui e Elsa ainda não tinha partido. Uma viagem à Europa não se prepara tão depressa. Continue vovó.

CAPÍTULO VI

A moça era bonita, mas isso não lhe dava direito de fazer na pensão tudo que lhe passasse na cabeça.

— Não. A senhora não pode ver o quarto que Kingsley ocupava — decidiu à senhora Pikss. — Está... Ocupado. É isso.

Era uma mentira das grandes. Desde quando Elsa havia partido, no dia anterior, chamada por Peter Kingsley, a pensão ficara vazia, e só dois empregados da usina de gás, que trabalhavam no turno da noite, dormiam ali durante o dia.

Mas Jenny não se deu por vencida. Conhecia o domicílio de Kingsley, pelo que Ladd lhe dissera no hotel de Havana, e havia se dirigido para lá, disposta a empregar todos os recursos para encontrar o que procurava.

— Talvez isso a faça mudar de ideia — disse, tirando da bolsa uma nota que mostrou à velha Pikss.



Esta estendeu a mão, parecida a uma garra, e apoderou-se da nota.

— Assim pode convencer qualquer um — murmurou. — Venha comigo.

A porta do quarto de Kingsley dava para o mal iluminado vestíbulo da pensão e dali subia a escada que levava ao andar superior.

Sob o olhar da Senhora Pikss, que permanecia junto à porta, a moça abriu as gavetas da mesa, do armário e de outra mesa colocada sob a janela, mas Kingsley levava tudo, ou alguém completara sua obra, pois não encontrou nenhum pedaço de papel.

Pouco esperava por isso sua desilusão foi menor. Voltou-se para a velha e perguntou:

— Sabe onde posso encontrar Kingsley?

— Não. — respondeu esta. — Quando partiu, garantiu que ia voltar dentro de um mês, mas não acredito nisso. Ontem chamou sua... Noiva, por telefone, e Elsa partiu, levando as malas dos dois.

— Não lhe disse aonde iam se encontrar?

— Não, só o que sei é que parece que iam para a Europa.

— Para a Europa?

Jenny teve um sobressalto. Kingsley parecia decidido a jogar sua última cartada, depois de ter arrancado dinheiro dela e de Bholer. Tinha de reconhecer que era uma jogada de mestre e a moça mordeu o lábio inferior, pensativa.

— O que há com Kingsley? — perguntou à senhora Pikss, rompendo o fio de seus pensamentos. — Todo o mundo se interessa por ele, agora que tem dinheiro. Faz uns dois ou três dias, esteve aqui um homem. Falou com Elsa e quando viu que não conseguia arrancar nada dela, mostrou sua placa do FBI.

— Do FBI? — perguntou Jenny, tragando a saliva.

— Sim. Então Elsa contou que Kingsley tinha-lhe escrito do Hotel Não Sei o Que, de Havana.

Jenny apertou os olhos.

— Como era esse homem?

— Alto, de cabelos castanhos, penteados para trás, simpático. Mas, depois, verifiquei que era do FBI.

Para a senhora Pikss, o simples fato de ser um agente, afastava toda a possibilidade de simpatia.



— Estava com um terno cinza, Príncipe de Gales? — perguntou a moça, sentindo sua desconfiança aumentar.

A resposta foi afirmativa e Jenny ficou sabendo que o FBI estava envolvido no assunto e que o homem que enganara em Havana era um de seus agentes.

— Vou tratar de encontrar esse homem — murmurou. — Vou lhe pedir desculpas e darei todos os dados que eles ignoram.

Tomada esta resolução, ia abandonar a pensão, mas naquele momento a campainha tocou.

— Um momento — disse a senhora Pikss. — Pode ser algum hóspede.

Dirigiu-se para a porta, abriu uma fresta e perguntou:

— Quem é?...

Não pôde continuar. A porta foi aberta com violência, empurrada por fora e quatro homens entraram no vestibulo.

Na frente deles vinha um indivíduo alto, forte e gordo, vestido com um terno azul-marinho e um chapéu levemente jogado para trás, que afastou, violentamente a senhora Pikss.

A mulher olhou-os, receosa. Bholer a encarou, ameaçador:

— Se der um só grito, eu lhe corto o pescoço. Está bem? Onde é o quarto de Kingsley?

— A... Aquele — a dona da pensão mostrou a porta, com a mão trêmula.

— Cuide dela Blay — ordenou Bholer. Seguido pelos outros dois, entrou no quarto que Kingsley havia ocupado. Mas parou na porta, olhando para Jenny.

— Então, está aqui? — viu as gavetas abertas e continuou: — Chegou antes de nós? Encontrou alguma coisa?

Jenny encolheu-se. Não conhecia aquele homem, mas instintivamente, compreendeu que era Bholer. Seu ar era ameaçador e os rostos de Traube e Anthony, a seu lado, expressavam a resolução de irem até o fim.

— Não vim buscar nada — respondeu a moça. — Eu só queria alugar esse quarto.

— Não diga belezinha — sorriu Bholer. — Pensa que somos bobos? Você veio buscar o mesmo que eu, mas me parece que Kingsley foi muito esperto.



Jenny começou a se acalmar. Atreveu-se mesmo a sorrir, mas não encontrou eco em Bholer. — Quanto ele lhe arrancou? — perguntou este.

— Cinco mil — respondeu Jenny. — Só lhe dei três mil e...

— Marcou um encontro em Havana, para que lhe desse o resto, não foi?

A moça afirmou com a cabeça.

— Está bem — disse Bholer. — Sabe algo desse... Cachorro?

— Só o que essa mulher me disse. Parece que resolveu ir para a Europa.

Bholer lançou uma praga.

— Escute — disse. — Por que se interessa por esse assunto? Como entrou em contato com Kingsley? — Jenny não respondeu, e Bholer prosseguiu com um sorriso. — Vamos moça, nós não queremos lhe fazer nenhum mal. Kingsley enganou a todos, e talvez unindo os dados, possamos encontrar uma maneira de recuperar nosso dinheiro.

— O dinheiro que pretendem apoderar-se é meu — respondeu a moça.

— Seu?

— Sim. Sou Jenny Romara. Meu pai...

Bholer deu um assobio.

— Então, você é filha do tipo que aqueles austríacos assassinaram? Kingsley me contou toda a história. Claro que você é a dona do dinheiro. E agora, mais do que nunca, convém que se alie a nós.

— Não vejo por quê. Sabem que o FBI está atrás de Kingsley?

— Já imaginávamos — respondeu Bholer. — Mas os planos dos agentes federais sofreram um grande atraso, devido a certas medidas tomadas por nós, não é Anthony?

— Sim — replicou este. — Mas acho que está falando demais, Bholer. Este não é o lugar mais apropriado para se perder tempo.

— Tem razão. De uma olhada por aí. Não creio que vá encontrar alguma coisa, mas é melhor. E você, venha comigo.

Levou Jenny para fora, enquanto Traube e Anthony revistavam de novo o quarto. Mas havia pouco o que fazer ali, e não tardaram a aparecer.

— Nada — disse Traube.



— Era o que imaginava — respondeu Bholer.

— Vamos.

Blay olhou-o de cenho franzido. Era o mais violento dos quatro e não gostava da maneira de agir de Bholer, embora ele fosse o chefe.

— Vai deixar a moça aqui? — perguntou.

— Claro — respondeu o gordo. — Acho que não podemos arrancar nada dela.

— Se fosse eu, levava a moça — disse Blay.

— Devíamos interrogá-la, em algum lugar onde possamos conversar com toda a tranquilidade. Talvez ela nos diga alguma coisa interessante.

— Como quiser — resmungou Bholer. — Mas acho que é inútil.

— Para o carro! — disse Blay.

Jenny encostou na parede, enquanto a senhora Pikss contemplava a cena, sem conseguir compreender o que acontecia.

Bholer encarou a moça.

— Vai nos acompanhar de boa vontade, ou prefere que usemos de força?

Ela não respondeu, mas apertou os dentes com ar decidido. Estava resolvida a não sair dali de boa vontade e olhou para todos os lados, em busca de uma saída.

A porta aberta de um dos quartos de cima trouxe a solução e, num salto, ela chegou escada, subindo rapidamente.

— Cuidado! — gritou Blay, ao mesmo tempo. Havia observado seu olhar de desespero e, ao adivinhar suas intenções, lançou-se atrás dela, ao mesmo tempo em que gritava.

Jenny conseguiu livrar-se de suas garras e chegou até a metade da escada. Sua intenção era entrar no quarto de cima e trancar a porta por dentro; mas Traube e Anthony não estavam dispostos a deixá-la em paz, e o primeiro passou junto a Blay, subindo os degraus de quatro em quatro.

A moça se julgava a salvo, quando Traube agarrou-a pelo vestido, puxando com força.

— Venha cá, fera — murmurou.

Jenny voltou-se com rapidez, erguendo a bolsa, que lançou contra a cara de Traube. Ele deixou escapar um grito de dor, mas não largou sua presa e, auxiliado por Anthony, dominou a moça, arrastando-a para baixo.



— Eu devia matá-la por causa disso — ameaçou Blay.

— Leve-a para o carro — ordenou Bholer.

A senhora Pikss estava encolhida contra a parede, incapaz de fazer o menor movimento, cheia de terror. Traube e Anthony arrastaram Jenny para a porta, mas antes de chegar a ela, Blay exclamou:

— Esperem. Temos que amordaçá-la. Se tiver a ideia de gritar...

— Seria o último grito de sua vida — replicou o irritado Traube.

— É melhor evitar isso — disse Blay. Tiveram que sujeitar Jenny, entre os quatro para passar-lhe um lenço em volta do rosto, que tampasse a boca. A moça movia-se e se debatia como uma fera, mordendo e dando pontapés em todos que chegavam a seu alcance; mas, por fim, foi dominada.

— Leve ela de uma vez.

Blay abriu a porta e seus companheiros obrigaram Jenny a sair, aos arrastões da casa.

O carro esperava na calçada e, enquanto atravessava a rua, Jenny teve a esperança que algum transeunte percebesse o que estava sucedendo; mas isso não aconteceu e ela se viu jogada no fundo do carro.

Traube e Anthony caíram sobre ela, reduzindo-a a impotência. Dentro da pensão, Bholer disse:

— Vamos embora. Já perdemos muito tempo

— Espere — avisou Blay.

Sua voz denunciava certa dose de irritação como se aborrece pensar que era ele que devia cuidar de todos os detalhes. Olhou para a velha Pikss e ordenou-lhe, ao mesmo tempo em que a empurrava para o quarto de Kingsley:

— Vamos, entre aí vovó!

A mulher gemeu e Blay disse, com brutalidade:

— Cale essa boca, idiota! Não vamos lhe fazer nada de mal!

Ele e Bholer transformaram-na em um pacote utilizando os lençóis da cama e depois a jogaram ao chão, onde ela se arrastou como pode até ficar apoiada a parede, enquanto os dois saíam da pensão.

Blay instalou-se ao volante. Seu rosto tinha expressão sombria que não agradou a Bholer, que ao sentar a seu lado, pensou que seria obrigado a enfrentá-lo.



No banco de trás, Jenny, apertada entre Anthony e Traube, sentia o coração bater acelerado.

Estava em uma cidade desconhecida e ninguém sabia que ela se encontrava ali. Encontrava-se a mercê daqueles homens e agora não iria ser como em Havana, onde aquele rapaz ajudara a fugir da polícia.

O que teria acontecido com ele? Se não estivesse numa situação tão trágica, teria sorrido ao se lembrar da facilidade com que o enganara, mas agora, precisava se concentrar na situação em que se encontrava.

Como adivinhando seus pensamentos, Bholer olhou para ela. O carro atravessava ruas mal iluminadas e os lampejos de luz que penetravam por intervalos no interior do veículo mal permitia ver seus rostos.

— Quem foi que ajudou a fugir da Polícia em Havana? — perguntou.

— Não sei — respondeu a moça, com voz serena. — Quando entrei no quarto de Kingsley, ele me surpreendeu. Estava escondido atrás da porta e pensei que fosse ele quem tivesse matado o homem que estava sobre a cama.

— Não, não foi ele — Bholer riu com gosto. — Aquele tipo já era um cadáver quando nós chegamos lá, mas não fomos nós que o matamos. Então, não sabe que aquele tipo pertencia ao FBI?

— Ao FBI? — o espanto de Jenny foi tão bem fingido que nem o desconfiado Blay teve a menor dúvida de que a moça ignorava a identidade de Paul Ladd.

— Sim — replicou Bholer. — Isso quer dizer que os agentes federais estão investigando o assunto. De maneira, que o que mais lhe convém, é se aliar a nós para chegarmos antes deles.

Jenny não respondeu logo. Refletia intensamente para examinar, por todos os ângulos, a proposta de Bholer e acabou afastando-a por completo, mas, era conveniente ganhar tempo e respondeu:

— Seria inútil. O FBI iria nos apanhar, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa. Aquele agente estava muito bem informado. Por exemplo, sabia que o senhor escavou o túmulo de Frolich.

— É verdade — concordou o gordo. — Mas garanto-lhe que não vão andar mais depressa do que nós. Sabe por quê? Aquele agente que a ajudou em Havana, já não pode contar a ninguém as coisas



que sabe. Nós nos encarregamos de dar um leve empurrão de certa altura e deu-se a casualidade de ao cair, não ter encontrado terra onde firmar os pés.

— O que quer dizer? — perguntou Jenny, alarmada.

— Que caiu no mar. Em pleno oceano e de noite. A estas horas, suponho que estará... — Blay deu-lhe um cutucão dissimulado e Bholer mudou de assunto. — Bem, qual é sua resposta para minha proposta de paz?

Jenny já sabia mais do que o necessário sobre a moral dos homens em cujas garras se encontrava. Se haviam assassinado um agente federal para afastarem um obstáculo de seu caminho, o que não fariam com ela?

— Creio que aceitarei — respondeu lentamente. — Mas quem me garante que terei minha parte no dinheiro, se chegarmos a encontrá-lo?

— Eu — respondeu Bholer, com dignidade. — Acelere Blay, devemos chegar logo em casa.

— Já estamos quase chegando — respondeu o motorista.

Na verdade, poucos minutos depois, o carro penetrava na escura ruela de um dos mais humildes bairros de Montgomery, parando diante de uma casa de aparência humilde, cuja porta era baixa e estreita.

Sobre esta havia um postigo, cujas frestas a luz se escoava.

Bholer abriu a porta que rangeu ao ser empurrada e Jenny foi arrastada para fora do carro. Blay fechou as portas deste e entrou também na casa.

Do estreito corredor, subia uma escada velha de madeira, que gemeu sob o peso dos cinco e Jenny Romara preparou-se para o pior, pensando em Paul Ladd, o único homem que poderia ajudá-la na situação em que se encontrava.

Mas, pelo que soubera, Ladd estava no fundo do mar e não podia esperar ajuda de ninguém. De ninguém mais, a não ser de si mesma.

E o que poderia fazer ela, sozinha, contra aqueles quatro homens, desprovidos de escrúpulos?

Mas ela se teria sentido mais tranquila se tivesse podido ver, na entrada daquela rua, os dois homens que vigiavam na escuridão.



Mal eles haviam entrado na casa, um dos homens voltou-se para o outro:

– Quem vai avisar o inspetor? – perguntou.

– Vá você. Enquanto isso, eu ficarei vigiando – respondeu o outro.

Este se afastou do companheiro e perdeu-se na escuridão.

CAPÍTULO VII

Ronald Crober gozava no FBI da fama de nunca haver perdido o rastro de nenhuma de suas presas. E se não haviam conseguido enganá-lo os mais espertos delinquentes, menos ainda poderia Jenny Romara, uma pobre moça perdida em Montgomery que, além do mais, não tinha motivos para suspeitar que estava sujeita a mais cuidadosa e dissimulada vigilância.

Por isso, quando ela saiu do hotel e tomou um táxi, não percebeu que estava sendo seguida por outro ocupado pelo agente do FBI, encarregado por Ashley de vigiá-la, desde que colocara os pés fora do barco que a havia transportado de Havana a Pensacola.

Crober não teve dificuldade em segui-la até a pensão da senhora Pikss e como Jenny despedira o táxi, ele fez o mesmo, ocultando-se na penumbra do portal que se abria em frente a casa, do outro lado da rua.

Devia estar ali há uns dez minutos, quando um grande carro, provavelmente um "Lincoln", parou diante da porta da pensão e quatro homens saltaram dele.

Crober franziu o cenho e já ia dirigir-se para o carro, quando percebeu os furtivos movimentos de outro homem que se aproximava do veículo, procurando não se tornar muito visível.

"Isto parece bem interessante", pensou.

O outro deu uma volta lenta pelo veículo. Depois, atravessou a rua e Crober notou alarmado, que se dirigia para seu lado.

Mergulhou ainda mais no vão da porta, mas não tardou a compreender que suas precauções seriam inúteis, porque o desconhecido parecia ter escolhido especialmente aquele lugar, só Deus sabe com que objetivo.



De qualquer forma, Crober decidiu não se descuidar e empunhou a "Luger", disposto a tomar a iniciativa.

O outro percebeu sua presença, quando se encontrava a dois passos de distância.

Parou um instante, surpreendido, e aquele momento foi aproveitado por Crober para sair do esconderijo e encostar-lhe a "Luger" nas costas.

— É uma pistola o que tenho nas mãos — advertiu-o. — Por que lhe interessa tanto este carro?

Ficou espantado ao ouvir uma gargalhada como resposta. Depois, foi à voz do recém-chegado:

— Que me matem se não é Ronald Crober! Estou enganado?

Crober afastou a pistola.

— Farrell! — disse surpreso. — O que faz por aqui?

— Ashley me ordenou que seguisse os ocupantes deste carro, não se lembra?

— Sim, mas eu não sabia que eram eles. Aquela moça, Jenny Romara, também está lá dentro. — Farrell assobiou baixinho. — Pelo pouco que sei, acho que ela não vai passar nada bem. O que fazemos?

Os dois agentes tinham ido juntos a Pensacola, separando-se no porto, para esperarem a chegada do "Alondra".

Depois, Farrell pegou-se aos calcanhares de Bholer e de seus homens, e Crober converteu-se na sombra de Jenny, para ambos informarem ao inspetor todos os seus movimentos.

Isso lhes permitira trocar ideias e, embora não conhecessem profundamente o assunto, sabiam o suficiente para deduzir que Bholer devia ter sentido uma grande alegria ao encontrar a moça na pensão.

— Pois... Não sei — replicou Crober. — O que você acha?

— Acho que devíamos ajudá-la — respondeu Farrell.

Já iam atravessar a rua, quando a porta da pensão foi aberta e Anthony e Traube saíram arrastando a moça para o carro.

Os dois agentes mergulharam, de novo, na escuridão do portal.

— Vou buscar um táxi — murmurou Farrell.

— Podíamos agarrá-los.

— Creio que o mais interessante é segui-los. Sempre podemos ir ao auxílio da moça, se considerar que ela está correndo perigo.



Crober deu razão ao companheiro, e Farrell afastou-se do portal, enquanto Crober continuava sem perder o carro de vista.

E se Farrell não chegasse a tempo com o táxi?

Tal probabilidade parecia impossível, mas não seria demais tomar algumas precauções e Crober deslizou para o extremo da rua, para onde estava voltado o carro.

Uma vez ali, procurou sinais de seu companheiro e não tardou a ver avançar a negra forma de um carro, com as luzes apagadas.

— Farrell! — chamou.

— Aqui, Crober — respondeu ele. — Pare — ordenou ao chofer.

Este obedeceu, estacionando o carro junto à calçada e Crober entrou, sentando-se ao lado do companheiro.

Nenhuma palavra foi trocada entre eles, até que o outro carro apareceu.

— Está ali — disse Farrell.

O veículo dobrou na direção oposta a que eles estavam, e Crober disse ao motorista:

— Siga-o. Não acenda os faróis, enquanto isso for possível.

— Mas... A lei...

— Não se preocupe, nós respondemos por você. O táxi pôs-se em marcha. O motorista, talvez percebendo a importância da missão que seus ocupantes deviam cumprir, conseguiu ficar a cinquenta metros do outro carro, apesar das dificuldades do tráfego.

Para a sorte deles, Blay evitava as ruas concorridas e não foi muito difícil segui-los até a entrada da rua.

— Siga — disse Farrell.

— Não há saída do outro lado — disse o motorista. — É um beco.

— Pare então.

Os dois agentes saltaram, chegando diante da entrada da ruela, cujo fundo via-se o vulto de um carro e o movimento de pessoas a sua volta.

— Chegamos — disse Farrell. — Bem, quem vai avisar o inspetor?

— Vá você — respondeu Crober. — Enquanto isso, eu ficarei vigiando.

Farrell sumiu de vista. Chegou junto ao táxi, entrou nele e ordenou ao chofer:

— Vamos, deixe-me no primeiro lugar onde possa haver um telefone.



Poucos minutos depois, o táxi parava diante de um bar bem iluminado. Farrell entrou, vendo que só um casal escutava as notas de uma radiola automática e dirigiu-se para a cabina telefônica.

Fechou a porta, introduziu a moeda e perguntou depois de discar um número:

— Central F? Ligue-me com o inspetor Ashley. Aqui é Farrell.

— Saiu — respondeu a voz, na outra extremidade. Deixou um recado se você chamasse, era para lhe dizer que está em...

Farrell sorriu ao ouvir o endereço da pensão da senhora Pikss. Estava visto que Ashley não dormia com toda a sua corpulência, e enquanto o táxi o levava de volta até a pensão, acendeu um cigarro, satisfeito.

Quando desceu diante da pensão, Ashley ia saindo de lá, mal-humorado, seguido por Ladd, mas mudou de expressão ao ver Farrell.

— O que é que há? — perguntou com avidez. O agente relatou os acontecimentos e a cara do inspetor reluziu como a lua cheia.

— Magnífico menino! — exclamou num momento de alegria, bem raro nele. — Vamos para lá.

Farrell despediu o táxi esse acomodou junto ao inspetor, enquanto Ladd sentava-se ao lado do chofer.

— Você disse que são quatro? — perguntou Ashley. — Então estamos bem. Não haverá necessidade de chamar mais ninguém.

Habilmente conduzido, o carro do FBI não tardou a chegar diante da ruela e Crober saiu das sombras, colocando a cabeça na janelinha.

— Não se moveram dali — disse.

— É preciso agir com rapidez — respondeu Ashley. — A moça pode estar em perigo.

Ladd apertou os lábios e jurou exterminar Bholer e os demais, se Jenny Romara sofresse o mais leve arranhão.

Os quatro homens avançaram cautelosamente pela rua estreita rua, detendo-se diante da porta da casa.

Ashley ia manobrar na fechadura, mas Ladd murmurou ao seu ouvido:

— Espere inspetor.

Abriu a porta do carro e instalou-se no assento, tornando a fecha-la cuidadosamente. Depois, pôs o motor em marcha e Ashley, ao compreender sua intenção, sussurrou:



— Encostem-se a parede.

Crober e Farrell obedeceram. O ronco do motor acentuou-se, rompendo o silêncio que pesava sobre a rua e, como Ladd esperava a janelinha de cima da porta logo se abriu e Traube apareceu no vão.

— Diabos! — exclamou, tornando a entrar. — Alguém está tentando roubar o carro.

Desceu correndo as escadas, seguido por Anthony, enquanto Bholer e Blay permaneciam com Jenny, no sujo casebre onde se encontravam.

Ladd aumentou o barulho do motor, como se dispusesse a dar marcha ré, e isto fez os pés dos bandidos criarem asas.

Ashley ouviu a chave ranger suavemente na fechadura e Traube e Anthony correrem para o carro.

Mas não conseguiram dar mais do que um passo fora da casa, porque mãos de aço apoderaram-se deles, arrastando-os para a sombra projetada pelo muro, ao mesmo tempo em que Ladd desligava o motor do carro.

Traube e Anthony foram advertidos de que não deviam fazer a menor resistência.

— Seria pior para vocês — disse suavemente Ashley.

Logo compreenderam que acabavam de cair nas garras do FBI e, intimamente, os amaldiçoaram.

Ladd juntou-se a eles.

— Para dentro — ordenou Ashley.

Ladd obedeceu e o inspetor seguiu de pistola na mão. Em cima, Bholer falou para Blay.

— Devem tê-lo agarrado — assegurou. — Agora vão trazê-lo.

Acreditavam que se tratava de um ladrão. Ouviram passos nas escadas e Bholer perguntou:

— Agarraram o homem, Traube?

Como única resposta, a porta abriu-se com violência e Ashley e Ladd irromperam na peça, empunhando pistolas.

— Quietos! — gritou o inspetor. — Crober — chamou — suba aqui!

Bholer resmungou uma maldição e o rosto de Blay tornou-se lívido como o de um cadáver ao reconhecer Ladd, enquanto Jenny Romara lançava um grito de surpresa e se afastava um pouco para trás.



— Então, não conseguiram lhe fazer nenhum dano, hem? — disse o inspetor. — Bonita reunião. Bem Bholer, acabou a brincadeira.

O gordo sorriu.

— Não podem nos acusar de nada — respondeu. — Exceto...

— Exceto de profanação de túmulo e tentativa de assassinato — interrompeu Ashley. — Mas para vocês é melhor que ele — mostrou Ladd — não tenha morrido. Desarme-os.

Ladd avançou para Bholer, enquanto Anthony e Traube irrompiam na sala empurrados por Crober, Farrell e pelo chofer do carro dos agentes.

Paul arrancou a pistola do coldre que Bholer tinha sob o braço esquerdo, entregando-a a Crober.

De súbito, Blay lançou-se para a porta. Seu movimento surpreendeu a todos, mas a reação foi tão fulminante quanto seu gesto. Ele já estava junto à escada quando o corpo de Ladd atravessou o vão como um projétil, lançando-se para ele e segurando-o pela cintura.

Os dois homens rolaram escadas abaixo, confundidos num abraço, do qual cada um procurava maiores vantagens do que seu rival. Ashley não perdeu a serenidade.

— Quietos aí! — ordenou.

Saiu da peça e a luz de sua lanterna iluminou a luta. Blay havia conseguido cair em melhor posição que Ladd e já tinha este apertado contra a parede, mas Paul conhecia vários golpes para se livrar, e Ashley não teve motivos para intervir.

O terrível golpe de joelho do agente fez com que Blay se dobrasse para frente, ao mesmo tempo em que sentia uma violenta dor, acompanhada pelo estalar dos ossos de seu braço esquerdo, e Ashley sorriu orgulhoso, ao ver como Ladd havia assimilado os ensinamentos de lutas.

— Faça-o subir, meu filho — disse.

Quando Blay passou a seu lado, já perdida a vontade de resistir, o inspetor lhe deu um pontapé no traseiro que acelerou sua entrada no cômodo.

Anthony, Bholer e Traube já estavam convenientemente algemados e Blay também não demorou a ficar da mesma maneira, apesar de seu estado.

Ashley ficou contemplando a moça.



— O que é que eu faço com você? — perguntou.

— Não é perigosa — respondeu Ladd. — Apesar de ter me enganado.

Jenny dirigiu-lhe um olhar de agradecimento e Ashley ordenou:

— Para o carro. Vocês tem muito que nos contar.

Pouco depois, acomodaram-se nos dois carros. Ladd tomou o volante do que pertencia aos bandidos, e a moça se acomodou a seu lado.

No assento traseiro iam Traube e Bholer, vigiados por Crober, que não tirava os olhos de cima. A caminho da Chefatura, Ladd perguntou:

— Por que decidiu me deixar plantado lá?

— Eu não sabia quem você era — replicou Jenny. — Como souberam onde estávamos?

Ladd explicou e a moça abençoou as previsões do inspetor.

— Chegaram no momento oportuno — disse.

— Eu tive que inventar uma série de mentiras, mas Blay não acreditou nelas.

— O que iam fazer com você?

— Blay propôs que me fizessem desaparecer. Creio que os outros acabariam pensando como ele.

— Assim vai aprender que o melhor, é recorrer a Polícia — respondeu Ladd. — Suponho que já está bem convencida.

— Estou sim — respondeu ela, com simplicidade.

— Assim é que me agrada.

Ladd enfiou a mão no bolso do paletó, tirando um pacote de cigarros, que ofereceu a Jenny.

A moça tomou um e acendeu, passando-o para o agente. Depois, acendeu outro para si e aspirou a fumaça com prazer.

Ladd sentia a proximidade da moça. Uma vez a olhou de soslaio e seus olhos se encontraram, provocando um sorriso em ambos.

— Devo ter parecido um idiota, quando me enganou com tanta facilidade — disse Ladd.

— Isso foi o que pensei quando fiquei sabendo que era um agente especial — respondeu a moça. — Para ser franca, você confiou demais em mim.

— Não foi essa a única vez que o fiz — respondeu Ladd. — Estes tipos estiveram a ponto de terminar comigo. — Contou a maneira



como tinha se salvado, e acrescentou: — Garanto que isso servirá de lição para o futuro.

Dez minutos depois, estavam todos reunidos no gabinete do inspetor, sem que ninguém pensasse em descansar.

Os bandidos e a moça acomodaram-se em algumas cadeiras ao redor da mesa e os agentes ficaram atrás deles, embora já nada tivessem a temer de sua parte.

Ashley acomodou-se perto da mesa e apontou para Jenny:

— Comece você — disse. — Sabemos quem era seu pai. Conhecemos muitas outras coisas, mas ainda ignoramos outras tantas.

— Meu pai não foi um traidor da sua pátria — disse a moça, com voz trêmula. — Metade de seu sangue era americano e a outra metade italiano, mas ele sempre se sentiu inclinado para os Estados Unidos. A prova é que quando suspeitou que fosse haver uma guerra, nos mandou para cá, eu e minha mãe.

Fez uma pausa. Olhou para todos e prosseguiu:

— Minha mãe morreu dois anos depois que começou a guerra, mas continuei recebendo regularmente, o dinheiro que meu pai mandava, pela Suíça. Um dia, chegou uma notícia dele. Íamos nos ver muito breve, segundo dizia. Mas esperei em vão.

Ashley confirmou com a cabeça. Ladd bebia as palavras da jovem.

— Não tornei, a saber, nada dele. Ao terminar a guerra, fiquei sabendo que saíra clandestinamente da Itália e um de seus amigos íntimos informou de que ele tentara atravessar a fronteira suíça, com uns guias austríacos, chamados Harold Klaus e Otto Braunn. Busquei-os por toda parte até localizar Braunn, gravemente ferido num hospital aliado.

— Prossiga — disse Ashley. — E procure ser breve.

— Serei o mais possível. Braunn confessou que Klaus e ele tinham assassinado meu pai, despojando-o de tudo de valor que ele transportava, que era muito. Disse que Klaus havia alistado no exército alemão.

— Onde estava o dinheiro?

— Braunn não sabia. Estava certo de que Klaus o havia enganado, porque quando foram buscá-lo no sítio onde o haviam deixado, tudo havia desaparecido. Aquilo deixou-o furioso e mais



ainda quando Braunn acusou-o de ter tirado o dinheiro do esconderijo. Klaus negou.

— E era verdade?

— Sim — respondeu Jenny. — Segui a pista de Klaus até que a perdi e encarreguei uma agência de detetives para achá-lo, que me informou que ele havia se alistado na marinha alemã, com o nome de Hans Frolich, fazendo parte das unidades que recebiam instruções para o desembarque de sabotagem.

Alguns pontos escuros, começaram a clarear. Por exemplo, a identidade de Klaus, que utilizara dois nomes em vida, para ser enterrado com outro diferente.

— Tive que gastar muito tempo e dinheiro, antes de saber que Klaus fora capturado ao desembarcar de um submarino e executado aqui, em Montgomery, por ter matado um soldado do serviço da guarda costeira.

— Como entrou em contato com Kingsley? — perguntou Ashley.

— Comecei a pensar que talvez, algum dos homens que tivessem estado em contato com Klaus, poderia saber algo do que este fizera com o dinheiro. Alguém me encaminhou para Kingsley, e ele me garantiu que o outro homem capturado com Klaus já estava em liberdade, e que procuraria saber dele tudo que me interessava.

— E fez isso?

— Sim, e demasiado bem — respondeu Jenny, com amargura. — O outro alemão chamado Lippe, antes de morrer, havia aconselhado que, ao ficar livre, procurasse em seus sapatos. Kingsley pareceu muito interessado e me prometeu procurar o túmulo de Klaus e o que me interessava, se era verdade que estava nos sapatos do morto.

— Quanto lhe pediu?

— Cinco mil dólares, e uma parte do dinheiro de meu pai, se encontrasse o que eu queria. Concordei, dando um adiantamento de três mil dólares e, três dias atrás, me chamou por telefone para me dizer que tinha o que me interessava. Marcou um encontro no Hotel Negresco, em Havana, para me entregar, prevenindo-me que levasse os dois mil dólares restantes. O resto os senhores já sabem — acabou Jenny, com um suspiro.

O inspetor afirmou com um gesto de cabeça e transferiu o olhar para Bholer.

— Como entrou nesse jogo? — perguntou.



— É muito simples. Conhecia Kingsley, porque era ele o guarda, quando estive na prisão — respondeu o gordo. — Há uns cinco ou seis dias, foi me procurar, oferecendo vender por dois mil dólares, algo que me faria rico. Explicou, do que se tratava e eu julguei que faria um bom negócio aceitando. Entrei em contato com estes — mostrou os cúmplices. — Fomos a Marylebone. Abrimos o túmulo do alemão. Quando compreendemos que Kingsley nos enganara, já era tarde demais.

— Assim mesmo, vocês se apresentaram no Hotel Negresco. Como sabiam que Kingsley ia para lá?

— Fiz algumas investigações — respondeu Bholer. — Eu estava furioso e queria me vingar dele, ou pelo menos, obrigá-lo a devolver os dois mil dólares que havia me arrancado. Uma amiga minha, que é também amiga de Elsa, a noiva de Kingsley, nos disse que ouvira ela contar que seu noivo estava em Havana, e o resto foi fácil.

O horizonte ia clareando. Ashley sorriu e disse:

— Vocês se meteram numa enrascada. Quem matou o homem que estava no quarto de Kingsley?

— Não foi nenhum de nós. Juro — foi à resposta de Bholer. — Estava morto quando chegamos ao quarto. Nós o revistamos de alto a baixo, sem encontrar o que procurávamos.

— Kingsley jogou com vocês como um gato com um rato — riu Ashley. — Não é difícil deduzir que, desde o primeiro instante, ele decidiu fazer o negócio sozinho. Para isso precisava de dinheiro e conseguiu facilmente. Bem, suponho que há essa hora estará a caminho do lugar onde Klaus escondeu o dinheiro que roubou de Romara.

— Não vai fazer nada para detê-lo? — murmurou Bholer. — Olhe inspetor, sabemos que vamos para a prisão por uma temporada, mas seria um grande prazer para nós se encontrássemos Kingsley ali.

— Se o agarrarmos, ele irá para a cadeira elétrica — respondeu o inspetor. — Ou muito me engano, ou será julgado por crime de morte.

— O que o leva a supor que foi ele? — perguntou Ladd.

— Pois... Não sei, palavra. Não sei, mas minha intuição está avisando.

Ladd sabia que o instinto do inspetor raramente o enganava. Mas, estava certo de que Ashley ocultava algo.



Os prisioneiros foram retirados do gabinete, só permanecendo ali Ashley, Paul e Jenny.

— Bem, inspetor, por que não conta agora? — perguntou Ladd, apoiando-se na mesa.

Ashley sorriu.

— Você eu não consigo enganar — disse, brincando com um grampeador. — O cadáver daquele homem já chegou. Chamei o diretor da prisão para que confirmasse que não era Kingsley e...

— Reconheceu-o?

— Sim. Tratava-se de Walter Lippe, o alemão que foi capturado com Frolich ao desembarcar.

Jenny aproximou-se da mesa. Fez-se um curto silêncio e Ashley continuou:

— Para mim está tudo tão claro quanto água. Kingsley falou com Lippe e este contou a história dos sapatos de Klaus. Depois, ficou sabendo onde estava o sapato direito. Logo arrancou seu dinheiro — disse a Jenny — e o desses tipos.

— Por que matou Lippe?

— Lippe foi posto em liberdade há uns dez ou doze dias — recomeçou Ashley. — Provavelmente, exigiu uma grande quantia de Kingsley e este não teve outro remédio senão despachá-lo para o outro mundo. Saberemos quando encontrarmos Kingsley... Se é que conseguiremos agarrá-lo.

Jogou-se para trás, se espreguiçando levemente e se ergueu.

— Bem, acho que está na hora de dormir — disse. — Nada podemos fazer com Kingsley. Todas as saídas estão vigiadas. Avisarão se o agarrarem.

Os três abandonaram o gabinete. Na rua, Ashley despediu-se dos dois jovens e se afastou, assobiando.

— Vou chamar um táxi — disse Ladd.

— Espere — respondeu Jenny. — Está cansado? Por mim, prefiro ir a pé.

A proposta agradou Ladd. A verdade era que Jenny estava começando a interessá-lo e os dois saíram caminhando em silêncio, à luz da lua, pelas ruas já quase desertas da cidade.

— O que pensa fazer com o dinheiro, se o encontrar? — perguntou Paul.



Jenny ergueu os olhos para ele, e o agente a achou mais encantadora do que nunca.

— Não sei — respondeu. — Na verdade, nunca pensei nisso. Só posso dizer, é que estou farta desta história.

— O que faz em Nova Orleans?

— Trabalho. Dirijo uma casa de roupas de confecção. Estou satisfeita.

— É de esperar que Kingsley apareça. Não tem ideia de quanto seu pai conseguiu retirar da Itália?

— Não. Fui informada que os aliados decidiram me entregar o dinheiro que ficou lá e que estava bloqueado pelo governo italiano, durante a guerra.

— Então, você é rica?

— Quase, quase — replicou Jenny, com seriedade. — Mas isso não quer dizer nada.

Voltaram a recordar como enganara Ladd em Havana. Quando chegaram diante do hotel onde a moça se hospedava, tinham a impressão de já se conhecerem a muito tempo.

— Adeus — disse Jenny, estendendo-lhe a mão, que Ladd tomou entre as suas.

— Adeus? — perguntou ele protestando. — Não será melhor, até logo?

Ela sorriu.

— Foi o que eu quis dizer — respondeu.

Ladd a viu desaparecer dentro do hotel e se afastou assobiando alegremente, com as mãos metidas nos bolsos das calças.

E Jenny Romara também sorria enquanto o elevador levava-a para o quarto andar e continuava sorrindo quando abriu a porta do quarto e entrou.

Seu sorriso logo se transformou numa canção que, por casualidade era a mesma que Ladd assobiava alegre, a caminho de casa.

CAPÍTULO VIII



Peter Kingsley estava bem contente consigo mesmo. E tinha bons motivos para isso. Em um mês sua sorte mudara inteiramente. Sempre desejara ter um bom carro e uma bela casa, conviver com homens de negócios e tornar-se importante na sociedade, mas isso só o dinheiro poderia proporcionar, e eis que agora podia transformar em realidade seus desejos insatisfeitos.

A ambição despertara o lado mau de seu caráter, que adormecido esperava a ocasião para dominá-lo, e quando Jenny Romara confiou-lhe apenas uma parte de seus desejos a perversa inteligência de Kingsley percebeu que ali podia haver um grande negócio.

Hans Frolich, cujo verdadeiro nome era Harold Klaus, não dissera uma só palavra durante o tempo em que estivera na prisão de Marylebony, a respeito daquele papel de incalculável valor, que havia passado dos sapatos do morto para seu bolso.

Limitou-se a oferecer seu relógio quando caminhava para o ponto em que esperava o pelotão de execução, mas Kingsley pressentiu a verdade. Frolich não iria levar o segredo para o túmulo, de maneira que alguém devia conhecê-lo, e este não podia ser outro que seu companheiro Walter Lippe.

Custou muito trabalho arrancar a verdade de Lippe, mas acabou conseguindo e, quando teve em seu poder o plano com as indicações necessárias para encontrar o dinheiro roubado de Júlio Romara, não tardou em encontrar uma maneira de conseguir o dinheiro para chegar ao ponto em que se encontrava.

A própria Jenny Romara contribuiu com uma boa quantia e aquele estúpido Bholer, que se julgava mais esperto do que qualquer outro se deixou conquistar por suas palavras, completando a soma que ele necessitava.

Mas Kingsley não sabia que o ponto falho de seu plano era o fato de ter indicado a Bholer o lugar onde estava enterrado Frolich com o nome de George Linden, porque, ao ser descoberto este, o FBI ficou na pista do negócio.

Kingsley não sabia que os agentes federais estavam atrás dele, dispostos a impedir que abandonasse o país. Ashley conhecia bem seu trabalho e uma fotografia de Kingsley, conseguida no fichário da prisão, já se encontrava em poder de todas as divisões do FBI, cujas jurisdições havia portos de mar e aeródromos.



Mas isso ele ignorava, esperando tranquilamente no bar do aeroporto de Idlewild, em Washington, o momento em que o "DC-6" da Swissair o levasse para a Europa.

Era uma questão de minutos. O "DC-6" estendia suas asas diante dele, do outro lado do vidro, na pista de cimento onde havia de decolar. Os motores já roncavam suavemente, como se preparando para a longa viagem e Kingsley contemplava sorridente, enquanto terminava de beber o gin que pedira no bar.

A seu lado, Elsa estava muito mais nervosa do que ele, não só porque sabia que acabava de se aliar a um fugitivo da Justiça, como também pela perspectiva da viagem.

Nem sequer perguntou-se porque Kingsley se lembrara dela, agora que ia ser rico, e nem lhe ocorreu pensar que era mais fácil para um homem fugir, sem despertar suspeitas, estando em companhia de uma mulher.

— Quando embarcamos? — perguntou impaciente.

Kingsley olhou para o relógio.

— Faltam poucos minutos — respondeu.

Desceu do alto banquinho do bar. Era um indivíduo de estatura média e muito corpulento. Os olhos um pouco saltados davam a impressão de não poderem permanecer quietos nas órbitas e davam-lhe o aspecto de estar num continuo sobressalto, o que não era verdade, pois Peter Kingsley era tão frio quanto uma barra de gelo.

A música suave que emitia o alto-falante apagou-se para dar lugar a uma cristalina voz de mulher.

— Atenção. Pede-se aos senhores passageiros para a Suíça que se apresentem ao balcão da Alfândega... Atenção...

— Vamos — disse Kingsley.

Elsa suspirou aliviada. Tinha medo, mas a perspectiva de desfrutar uma situação folgada para o resto da vida diminuía os temores e, tomando a pequena valise de mão, avançou para a saída do bar, seguindo Kingsley.

Os passageiros do "DC-6" já formavam fila diante da Alfândega.

Eram mais ou menos quarenta pessoas, Kingsley e Elsa encontravam-se, aproximadamente, no meio da fila.

As malas de mão eram deixadas em cima de um balcão onde, uma vez abertas, eram detidamente revistadas por um empregado da



Alfândega, enquanto outro examinava os passaportes dos passageiros.

Quando chegou a vez de Kingsley, este largou a mala sobre o balcão e, depois de abri-la, apresentou seus documentos, que o empregado examinou com particular atenção.

— Peter Kingsley? — perguntou.

— Sim — respondeu este, com um sorriso. Não percebeu que o empregado apertava com o pé um botão que havia debaixo do balcão. Depois, estendeu os documentos a Kingsley e pediu:

— O passaporte da senhora?

A senhora era Elsa, que sorriu ao ser chamada assim. O empregado olhou para o documento e voltou um pouco para trás, verificando que dois homens jovens e fortes avançavam em sua direção.

— Tudo em ordem — disse. — Podem passar.

Kingsley e Elsa atravessaram a estreita passagem. O empregado afastou-se para um lado e o coração de Kingsley começou a bater aceleradamente, porque cada minuto que passava aproximava-o mais de sua meta e, pelo visto, acabava de transpor o último obstáculo.

Nem Elsa nem ele perceberam o leve sinal do empregado para os dois homens. Estes mudaram de direção e aproximaram-se do casal.

— Por favor — disse um deles. — Acompanhem-nos.

Peter sentiu um brusco sobressalto. Seu rosto largo franziu-se pelo efeito do ato estranho e perguntou:

— Nós? Onde?

— À Chefatura. Não é Peter Kingsley?

— Ele mesmo.

— Então é quem procuramos. Vamos, venham conosco.

O tom do homem tornou-se, de súbito, duro, ao mesmo tempo em que os olhava com severidade e Elsa, mais acostumada do que seu noivo a tratar com a Polícia, compreendeu que, naquele momento, acabavam de ruir todas as suas esperanças de se tornar rica.

— São da Polícia? — perguntou Kingsley, por fim.

Mais do que reconhecê-los, era seu coração culpado que lhe dizia que era chegado o fim quando menos se esperava. Embora



estivesse coordenado tudo bem, que não podia haver a menor possibilidade de a Lei lhe embargar os passos.

— Do FBI — respondeu seu interlocutor. — Vamos, sigam-nos.

Foi como um golpe que Kingsley recebia em plena cabeça. Conhecía os homens do FBI e não ignorava que era muito difícil escapar de suas mãos e sabia das provas que eles costumavam juntar, antes de darem um passo como aquele.

E o cadáver de Walter Lippe estava sobre sua cabeça, mostrando a sombra da forca.

Insensivelmente mordeu o lábio inferior enquanto os seguia, sem encontrar uma forma de se livrar daquele enredo.

Na metade do caminho, parou e protestou:

— Mas isso é um absurdo! Vou perder o avião e...

— Não vai precisar tomar esse avião e nenhum outro. Vamos, siga! — foi a rude resposta.

Um dos agentes olhou agressivamente. Depois, voltou-se para o companheiro que estava atento a todos os movimentos de Kingsley, desde que este começara a mostrar certa resistência.

— Explique-lhe, Potter — disse.

— Violação de sepultura, tentativa de extorsão, além de duas já consumadas e, possivelmente, assassinato.

Tudo fora descoberto! Kingsley olhou dissimuladamente em volta, enquanto Elsa, pálida como uma morta, engolia em seco.

Naquele momento um carrinho mecânico, conduzido por um homem, de pé na parte traseira, passou por eles, carregado de bagagens, oferecendo a Kingsley a esperada oportunidade.

Seu movimento foi tão imprevisto que surpreendeu Potter e Dunning, apesar de estarem prevenidos.

Kingsley jogou a mala contra o rosto do primeiro e saltou para frente do carrinho que, no mesmo instante, enquanto Potter lançava um grito de dor, ficou entre o fugitivo e os agentes.

O condutor do carrinho gritou algo que se confundiu com uma exclamação de Elsa, mas não era ela quem lhes interessava e sim Kingsley e os dois agentes reagiram com a maior rapidez, correndo atrás do fugitivo.

Kingsley correu para a saída do aeroporto, onde já rugiam os motores do "DC-6".



la como um louco, correndo desesperadamente, sem saber bem que direção tomar e penetrou na pista de cimento, onde o aparelho já começava a deslizar.

Um grito soou as suas costas. Olhou para trás e viu Potter saltar a vala de madeira que separava a pista de cimento das dependências do aeroporto, enquanto Dunning dispunha-se a fazer o mesmo.

Talvez ainda pudesse escapar. A terra estava firme sob seus pés e...

Outro grito ressoou às suas costas. Kingsley voltou de novo a cabeça para frente e deteve-se em seco, ao mesmo tempo que um grito de terror surgia em seus lábios.

O avião estava em cima dele, ganhando velocidade rapidamente. Kingsley levou ambas as mãos ao rosto para não ver a cara da morte, que sorria sinistramente a seu lado, e a asa do "DC-6" bateu contra seu corpo, apesar dos esforços do piloto para evitá-lo.

Uma das enormes rodas passou por cima e Kingsley contraiu-se, ao mesmo tempo em que lançava um gemido de dor, que foi acompanhado por gritos histéricos e aterrorizados dos espectadores.

O avião prosseguiu sua marcha, detendo-se pouco mais adiante, enquanto Potter, Dunning e algumas pessoas se aproximavam de Kingsley.

Potter ajoelhou-se a seu lado. Ao levantar sua cabeça, verificou o enorme ferimento causado pelo avião no corpo de Kingsley e espantou-se ao vê-lo abrir os olhos.

— Já não... — começou a dizer.

A morte veio buscá-lo, impedindo-o de pronunciar mais alguma palavra. Potter ficou em pé e olhou-o respeitosamente, pensando nos desígnios do Destino, que matava Kingsley com os mesmos meios que ele pensara usar para sua salvação.

Dunning, enquanto isso, não perdera tempo e, pouco depois, a ambulância do aeroporto transportava o corpo de Kingsley, e sobre o cadáver foi depositada a maleta que ele jogara no rosto de Potter.

Ashley endireitou-se na poltrona.

— Isso é tudo — disse a Jenny Romara. — O avião matou Kingsley, mas consegui reconstruir a história, graças a Elsa Torgan. Foi ele quem matou Walter Lippe.

— Por que fez isso?



— Aconteceu como imaginamos. Lippe exigiu sua parte no negócio, mas a ambição de Kingsley já não tinha limites. Mandou Lippe a Havana, encarregado de entrevistar-se com ele. Lippe devia esperá-lo no Hotel Negresco, onde Kingsley tinha reservado um quarto em seu próprio nome.

— Por quê?

— Para que Lippe não desconfiasse. Era o mesmo que dizer: "Para que não desconfie de mim, prossiga você mesmo com o negócio que eu iniciei." Devia ser a única maneira de vencer os receios do alemão.

Ladd confirmou com um movimento de cabeça.

— Kingsley seguiu-o a Havana e quando Lippe entrou no quarto matou-o, deixando o cadáver sobre a cama. Depois chegaram Bholer e seus homens, mais tarde, você — o inspetor apontou para Ladd — e, por último, você — disse a Jenny.

— Este Kingsley era muito esperto — recomeçou Doyle. — Fez tal confusão que só por verdadeira casualidade...

Ashley não o deixou prosseguir:

— Protesto! — exclamou, dando um soco sobre a mesa. — A casualidade só ajuda aos que sabem coloca-la ao seu lado. Nós aproveitamos todas as ocasiões que nos oferecem para esclarecer um caso. O primeiro erro partiu de Kingsley. Se tivesse se conformado com o dinheiro da senhorita Romara, tudo lhe teria saído bem, mas meteu Bholer na confusão e quando ele foi descoberto escavando o túmulo de Klaus...

— Tem razão inspetor — concordou Ladd. — Foi isso que nos levou a intervir.

Jenny estava como sobre brasas, desejando perguntar alguma coisa. Encontrou, por fim, o momento oportuno.

— Kingsley tinha... O plano? Ashley confirmou com a cabeça.

— Sim — disse. — Mas, infelizmente, não lhe servirá de nada. Estava em um envelope, junto com o passaporte e outros documentos, mas a roda do avião passou, justamente, sobre eles.

Deteve-se um instante e sorriu ao observar a expressão de curiosa expectativa que se refletia nos rostos de seus ouvintes.

— Tudo ficou esmagado, feito massa, entre a carne e o sangue. Será impossível tentar decifrar aquele papel.

Houve um curto silêncio. Jenny suspirou, aliviada.



— Não me importa — respondeu. — Na verdade, eu já estava com receio que isso me obrigasse a fazer uma viagem à Europa.

— Suíça e Áustria são muito bonitas na primavera — sorriu Ashley.

Jenny ia responder, mas, naquele momento o telefone tocou. O inspetor apanhou-o.

— Alô! Sim, é Ashley... Wallace?... Bem. Obrigado.

Desligou o aparelho e olhou para Jenny.

— Bem como eu lhe disse. Não espere nada desse papel. No laboratório não conseguiram decifrar uma só linha. Sinto muito.

Jenny encolheu os ombros.

— Já lhe disse que não me importa — ergueu-se e o inspetor imitou-a. — Bem — acrescentou a moça — suponho que tudo terminou.

— Pode ser que ainda tenhamos necessidade da senhorita, quando Bholer e os outros tipos forem julgados — respondeu o inspetor. — Até lá, pode fazer o que quiser, mas deixe seu endereço.

— Paul já sabe — respondeu Jenny, com um sorriso.

Ashley olhou para o agente.

— Está bem. Parece que fomos mais espertos do que em Havana, hem?

Paul ia responder a ironia de seu superior, mas Jenny interveio:

— Posso ir embora?

— Sim, claro. Outra vez já sabe, conte à Polícia tudo o que acontecer. Garanto que é o melhor caminho. Adeus senhorita! — acrescentou, estendendo-lhe a mão. — Foi um grande prazer conhecê-la, mas acho que outros ainda tiveram maior prazer do que eu. Acompanhe-a, Ladd.

Este saiu atrás de Jenny. Ao chegar à porta, olhou para o inspetor e o viu sorrir, ao mesmo tempo em que lhe piscava um olho. Ladd fechou a porta e Ashley voltou-se para Doyle:

— Não vai deixar que ela voltasse para Nova Orleans, se não me engano. Seria um tolo se a perdesse e creio que Ladd não é tão tonto como parece.

Doyle sorriu e ia responder, mas Ashley olhou-o com severidade.

— Que diabos está fazendo aqui, parado? — perguntou — Será que não tem nada para fazer?

Doyle suspirou e saiu do gabinete com a rapidez de um raio. Quando fechou a porta, Ashley riu baixinho. Sacudiu a cabeça, tornou a sorrir e mergulhou na leitura de alguns papéis.



FIM